

118



LIQUIDAÇÃO DE REVISTAS – 9

Oferta de revistas e álbuns a preços muito baixos. O custo de envio está incluído no preço. O estado de conservação de cada edição está indicado, seguindo a convenção: (MB) – Muito Bom; (B) – Bom; (R) – Regular; (P) – Pêssimo. Cada edição ficará reservada ao primeiro que escrever encomendando-a. Após a confirmação, o interessado deve enviar o pagamento em vale postal ou cheque nominal a **EDGARD GUIMARÃES**.

Gabi (Escala) 6 (B) – R\$ 2,00 * **Clássicos Disney** (Abril/1989) (R) 2, 4 – R\$ 4,00 c/ * **Emília Fome Zero** (Globo) 4 (B) – R\$ 4,00 * **Recruta Zero** (Mythos) 3 (MB) – R\$ 4,00 * **Smilingüido** (Luz e Vida) (B) 5, 36 – R\$ 3,00 c/ * **Shazam!** (Abril) 5 (R) – R\$ 3,00 * **Zé Carioca** (Abril) 2302 (B) – R\$ 2,00 * **Pateta** (Abril) 7 (B) – R\$ 2,00 * **Margarida** (Abril) (B) 17, 19 – R\$ 2,00 c/ * **Peninha** (Abril) (B) 7, 15 – R\$ 2,00 c/ * **Urtigão** (Abril) 5 (B) – R\$ 2,00 * **Papai Volta pra Escola** (B) – R\$ 2,00 * **Zagor** (Mythos) 63 (MB) – R\$ 5,00 * **Mister No** (Noblet/84 páginas) 5 (P) – R\$ 4,00 * **XXX Holic** (JBC) 7 (MB) – R\$ 5,00 * **Bastard** (JBC) 22 (MB) – R\$ 8,00 * **Fúria** (Portugal Press) 6 (R) – R\$ 4,00 * **Lobo Solitário** (Panini) (MB) 9, 10 – R\$ 10,00 c/ * **Mafalda (bolso)** (Dom Quixote) (R) 1, 9 – R\$ 5,00 c/ * **Inu Neko** (JBC) (MB) 1 – R\$ 5,00 * **Piauí** (MB) 5, 6 – R\$ 5,00 c/ * **A Bagaceira** (Ebal) (B) – R\$ 10,00 * **Megalon** – fanzine 32 – (B) – R\$ 3,00 * **Watami** – tomo 1 (Ediciones Record) (R) – R\$ 10,00 * **Zhar 2** (B) – R\$ 5,00 * **Implacável** (Columba) 1, 2, 3, 4 (B) – R\$ 5,00 c/ * **Implacável** (Columbia) 10 (P) – R\$ 4,00 * **Imaginação** (Columba) 2, 3 (B) – R\$ 5,00 c/ * **Coleção Trota Mundo – A Abordagem** (Bruguera) (P) – R\$ 5,00 * **Philemon** (Cedibra) (R) – R\$ 6,00 * **HQ Brasil – 2º Concurso Nacional de Quadrinhos** (Abra) (B) – R\$ 5,00 * **Língua Portuguesa 2** (B) – R\$ 5,00 * **Witch** (Abril) (B) 15, 29 – R\$ 5,00 c/ * **Quadreca 5** (R) – R\$ 3,00 * **Colt 45** (Cedibra) 3 (P) – R\$ 3,00 * **Solar** (Ebal) (R) 19 – R\$ 4,00 * **O Homem de Aço** (Ebal) (R) 14, 16 – R\$ 4,00 c/ * **Transformers** (Meribérica) (R) 2, 3, 13 – R\$ 5,00 c/ * **Scathos** (Progospel) (R) 1 – R\$ 4,00 * **Hurray Mister S3!** (MB) – vários números – R\$ 3,00 c/ * **Cartum** (MB) – vários números – R\$ 3,00 c/ * **Tintim e os Pícaros** (Verbo) (P) – R\$ 10,00 * **Tio Patinhas – O Deus da Chuva** (Verbo) (B) – R\$ 15,00 * **Petzi** (Verbo) 11 (R) – R\$ 8,00 * **Quentes e Boas** (Maxmen) 2 (MB) – R\$ 10,00 * **As Grandes Batalhas – A Resistência** (Bertrand) (R) – R\$ 10,00 * **Simbad** (Disvenda) (R) – R\$ 10,00 * **Os Cosmonautas do Futuro** (Asa) (MB) – R\$ 15,00 * **Superman** (Ebal/3ª s.) 94 (R) – R\$ 4,00 * **D. Quixote de La Mancha** (Edinter) 3 (R) – R\$ 10,00 * **O Arquivista** (Meribérica) (MB) – R\$ 15,00 * **Grandes Figuras** (Ebal) 11 (B) – R\$ 5,00 * 0 * **Mini Aventuras dos Estrumpfes** (Publica) 1 (R) – R\$ 5,00 * **Dô/Kung Fu** (Ebal) 3 (R) – R\$ 4,00 * **Chasque do Tapejara 2** – R\$ 2,00 * **Animal** (VHD) 5 (P) – R\$ 4,00 * **Radicci** – **Alegro Ma Non Troppo** (R) – R\$ 10,00 * **Status Humor** (Três) (R) 22A, 24A, 27A, 28B, 29A, 30B, 31B, 32A, 32B, 33A, 35A, 36A, 37A, 39A, 40A, 41A, 42A, 43A, 44A, 45A, 46A, 47A, 48A, 49A, 50A, 77A – R\$ 6,00 c/.

QUADRINHOS INDEPENDENTES

Nº 118 NOVEMBRO/DEZEMBRO DE 2012

Editor: Edgard Guimarães – edgard@ita.br
Rua Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000.
Tiragem de 120 exemplares, impressão digital.

EDITORIAL

Último número do ano. Acho que não dá para reclamar de 2012. Isso lembra que o que vem aí é o 2013. O que significa renovação de assinatura. Mas aconselho a só fazer a renovação depois da virada de 2012. Vai que os maias estavam certos.

Todas as seções presentes: ‘Quadrinhos Brasileiros Bissextos’, ‘Mistérios do Coleccionismo’, ‘Heróis Brasileiros’, ‘Considerações sobre o “QI”’, ‘Fórum’, ‘Mantendo Contato’, ‘Memória do Fanzine Brasileiro’, ‘Edições Independentes’, além de vários textos avulsos.

A seção de divulgação está bem recheada, mais de 60 edições neste bimestre.

Depois de cerca de 20 anos, este número de final de ano do “QI” não está trazendo a cédula de votação para o ANGELO AGOSTINI. A partir de agora, a votação será feita somente através do blog da Associação. Vejam todos os detalhes na página 18. E não deixem de participar.

Para desejar Feliz Natal e Próspero Ano Novo, incluí um encarte-cartão natalino.

Boa leitura!



ANÚNCIO NO “QI”

O anúncio para o “QI” deve vir pronto, e os preços são:

1 página (140x184mm):	R\$ 40,00
1/2 página (140x90mm):	R\$ 20,00
1/2 página (68x184mm):	R\$ 20,00
1/4 página (68x90mm):	R\$ 10,00
1/8 página (68x43mm):	R\$ 5,00

contém os encartes ‘cotidiano alterado’ 4 e 5



Tiras de Luiz Cláudio Lopes Faria

Notícias sobre HQ???

Acesse

<http://madeinquadrinhos.blogspot.com>

Entrevistas, reportagens, colunas, matérias, dicas e um mundo de informações sobre quadrinhos

RENOVAÇÃO DE ASSINATURA

Acabou 2012!

Fazer o quê?

Renovar a assinatura do "QI" para 2013.

Este nº 118 do "QI" é o último referente à assinatura para 2012. O preço da assinatura para 2013 continuará R\$ 20,00, correspondente aos nºs 119 a 124.

As informações para a renovação estão ao lado na página 2.

Não esqueçam de me avisar quando o pagamento for feito, para que eu possa saber quem fez a assinatura, atualizar meu banco de dados, e garantir que o assinante receba os "QIs".

A NOITE ROMPIDA

Edgard Guimarães

A publicação de HQs no Brasil, apesar de tudo, é muito rica e sempre se encontram exemplos admiráveis. Esta coluna fará o registro de algumas dessas edições inusitadas, quase sempre de circulação restrita.

A edição não tem data, mas é da segunda metade da década de 1990. É um álbum de 52 páginas, formato 200x275mm, impresso em preto e branco, capa mole impressa com uma cor a mais (vermelha). Na 4ª capa, os dizeres “uma graphic novel de Helio Jesuino e Patati”. A 4ª capa traz também um comentário de Luís Fernando Veríssimo sobre o trabalho.

No texto de apresentação, os autores dão o serviço. O mote para a produção do álbum foi uma exposição dedicada a Oswaldo Goeldi feita pelo Centro Cultural do Banco do Brasil em 1995. A exposição, nos dizeres dos autores, “nos deixou primeiro em estado de graça e, depois, com vontade de fazer alguma coisa que passasse no universo dele, falar um pouco do impacto de Goeldi sobre nós”. Ainda de acordo com os autores, a ideia foi realizar um álbum com três HQs homenageando a linguagem gráfica de Goeldi e não fazer sua biografia. Tanto que o personagem foi rebatizado Oswaldo Lewerküssen.

“Juntar Goeldi e Quadrinhos foi ideia óbvia, sendo o primeiro mestre de qualquer linguagem gráfica que escolhesse, e um dos expoentes da ilustração no Brasil; e sendo as HQs esse território largamente inexplorado pela experimentação gráfica de estilo xilográfico, achamos que era hora de engrossar um pouco o caldo, o artesanato das possibilidades inesperadas. Contar histórias, achar imagens próximas das de Goeldi cruzando nossas imaginações com vida e obra dele. Chega a ser de estranhar que não tenha sido feito antes.”

As três HQs tratam de três momentos da vida de Goeldi/Lewerküssen, sua chegada ao Brasil, sua infância na Alemanha e a vida de seu filho no Brasil. As histórias não são fáceis, são alegóricas, não lineares, referenciais. Para o melhor aproveitamento das HQs é preciso um conhecimento mais detalhado da vida de Goeldi. O traço de Jesuino também não é amigável, é muito solto, às vezes muito detalhado, às vezes impreciso, certamente remete às gravuras de Goeldi. Mesmo com esses senões, é um trabalho instigante que recompensa o esforço na leitura e pede releituras. Há muitas passagens fortes, como a sombra da guerra se avultando sobre a vida da família de Goeldi na Alemanha. Ou um assassinato gratuito em pleno Carnaval. Ou ainda as reflexões do cão filósofo que acompanha Goeldi em sua chegada ao Brasil.



O álbum “A Noite Rompida”, produzido por Patati e Helio Jesuino e publicado graças a um programa de incentivo da Prefeitura do Rio de Janeiro, é certamente uma obra admirável dos quadrinhos brasileiros, uma obra que corresponde à atenção que o leitor lhe dedicar. Mas o que por um lado é qualidade – sua coragem, destemor, originalidade, naturalidade – por outro é defeito. Justamente estas características afastam o leitor comum e isso deu à obra uma pecha inerecida.

Consta que na época do lançamento de “A Noite Rompida”, a Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro pretendia criar um sistema regular de incentivo à publicação de obras de quadrinhos brasileiros. E fez uma primeira experiência com o lançamento de “A Noite Rompida”. Como a iniciativa não teve prosseguimento, atribuiu-se ao álbum de Patati e Helio Jesuino a responsabilidade pelo fracasso. Ficou a conclusão de que “A Noite Rompida” fechou as portas da Secretaria de Cultura para a produção de outros álbuns de quadrinhos.

Verdade ou não, é uma injustiça com o álbum “A Noite Rompida”. Se por um lado, se poderia argumentar que uma obra financiada com dinheiro público deveria ser do interesse de um público amplo, por outro, cabe justamente ao poder público cuidar do que, não tendo apelo popular, tenha qualidade e importância cultural. Pois daquilo que vende já cuida a iniciativa privada, ávida do dinheiro do público (e também do dinheiro público, por que não?).

A TERRA DOS SUPER-HERÓIS

Lincoln Nery

Você pode não saber, mas o estado do Rio de Janeiro é uma terra povoada por super-heróis.

Acredita-se que as histórias em quadrinhos modernas surgiram nos jornais americanos no início do século XX, mas o que pouca gente sabe é que muitos anos antes das primeiras publicações dos EUA, Angelo Agostini, um italiano radicado no Brasil do Século XIX, já desenhava para a revista “Vida Fluminense” e, em 30 de janeiro de 1869, ele lança a HQ ‘As Aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma Viagem à Corte’. Quinze anos depois, ele criaria a primeira HQ de longa duração, ‘As Aventuras de Zé Caipora’.

Ainda assim, quando pensamos em super-heróis, só nos vem à mente Batman, Superman, Homem-Aranha e outros supers internacionais. Mas engana-se quem acha que o país, e o Rio de Janeiro em especial, não têm seus protetores.

Em 1969, a extinta editora EBAL lançou o Judoka, que contava a história do carioca Carlos Silva que, ao salvar um mestre em judô de um atropelamento, é treinado por este, se tornando um defensor dos fracos e oprimidos.

Na mesma década, surgiu um dos heróis mais estranhos que já se teve notícia, o Capitão Ipanema, os seus poderes só se manifestavam das praias do Arpoador ao Jardim de Allah, é piada de carioca muito bem feita.

Hoje, quem cuida das noites da cidade é o sombrio Jou Ventania. O herói não vive no Rio de Janeiro, mas em Venceleng, uma versão fictícia da Cidade Maravilhosa e Niterói.

Conheça mais super-heróis nacionais no livro “Brasil Comics” disponível no site: http://www.agbook.com.br/book/43189--Brasil_Comics

HOMENAGEM A FRANCO CAPRIOLI

Edgard Guimarães

O autor italiano Franco Caprioli já teve muitos trabalhos publicados no Brasil, principalmente na coleção “Epopéia” da Ebal, nas décadas de 1950 e 1960. A mesma Ebal, já no final de sua trajetória, publicou, em maio de 1982, a Edição Especial de Cinemin, em formato italiano, com o título “Estranha Aventura”, trazendo a HQ homônima. O formato pequeno mais papel e impressão ruins acabaram com o trabalho de Caprioli. Um pouco antes, de agosto a outubro de 1977, a Ebal publicou a série “Seleções da Grande Epopéia”, três números em formato grande, com os trabalhos de Caprioli, ‘Kim’ e ‘O Hussardo da Morte’, ocupando os dois primeiros. Apesar do formato maior que o normal, o resultado não fez jus à arte de Caprioli.

Em Portugal, Franco Caprioli sempre foi mais apreciado. Um grande número das histórias produzidas por ele foi publicado em revistas e álbuns desde o começo da década de 1950. No entanto, poucas vezes as publicações tiveram qualidade gráfica e editorial à altura do trabalho do autor.

Este ano de 2012, ano do centenário de Caprioli, a Câmara Municipal de Moura organizou e fez acontecer a exposição “Franco Caprioli: no centenário do desenhador-poeta do mar”, levada ao público de 22 de junho a 8 de julho. Mas o melhor, para quem não pode (ou pôde) ir à exposição, foi a publicação, pela mesma Câmara, de uma edição homônima, aos cuidados de Jorge Magalhães e Catherine Labey. Uma edição impecável, com um texto amplo de Magalhães, uma farta seleção de ilustrações e amostras de páginas de HQ, uma história completa de 8 páginas e uma relação dos trabalhos de Caprioli publicados em Portugal.

A altíssima qualidade gráfica da edição mostra, finalmente, a altíssima qualidade dos desenhos de Caprioli, coisa que antes, pelas publicações disponíveis, só podíamos inferir. Mesmo as reproduções reduzidas de páginas de HQs já nos permitem vislumbrar o virtuosismo da arte de Caprioli.

O material publicado neste álbum foi também incluído num CD, com acréscimo de vários outros materiais, incluindo outras HQs, mas este ainda não consegui adquirir para comentar.



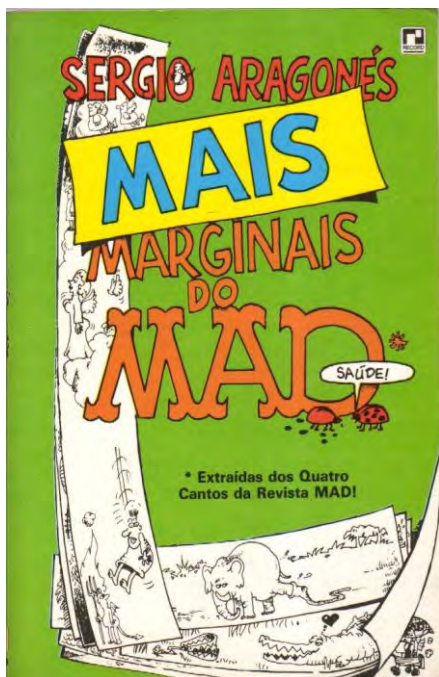
MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

Edgard Guimarães

Volta e meia os colecionadores, de gibis em particular, são assombrados pela notícia de que existe uma revista tal que saiu em circunstâncias tais e que só quem tem um exemplar é o Fulano de Tal. Maldição! O colecionador comum, o pobre coitado que tenta formar suas coleções comprando suas revistas dia-a-dia nas bancas e livrarias, que sustenta com sua constância todas as editoras do porvir e do já-vai-tarde, não merece isso. Nesta seção serão tratadas estas revistas que podem ou não realmente existir.

A revista “Mad” foi lançada no Brasil em 1975 pela editora Vecchi e durou até o número 103. Depois foi relançada pela editora Record em 1984, durando até o número 158. Em 2000 foi a vez da editora Mythos que lançou 46 números. Por fim, a editora Panini se encarregou de publicar a revista. Todas essas editoras não perderam oportunidade de lançar coleções paralelas ou números especiais. Na Vecchi teve “Mad Especial”, “O Melhor de Mad”, “O Pior do Mad”, “Mad Nostalgia”. Na Record, “Mad Extra”, “Mad Especial”, “O Pior do Mad”, “Super Mad”. Na Mythos, novamente “Mad Especial”, “Mad Extra” e ainda “Mini Mad”

Mas dessas edições todas, as mais interessantes foram as coleções de livros de bolso lançadas pela Vecchi e Record. Interessante também pelo aspecto de ter uma distribuição mais restrita. A Record só distribuiu os livros de bolso em livrarias e com pouca divulgação nas revistas de linha.



Al Jaffee em julho de 1986; – 8. “Spy vs. Spy” vol.1 de Prohias em fevereiro de 1987; – 9. “Mais Marginais do Mad” de Aragonés em janeiro de 1990; – 10. “Como Vencer na Vida de Cachorro Sem Fazer Força” em fevereiro de 1990. Os dois últimos lançamentos da Record tiveram um hiato de quase três anos em relação ao volume anterior e saíram com o formato ligeiramente diferente. Como mencionei, estes livros não tinham boa distribuição e demandava maior esforço para consegui-los. Durante muito tempo tentei conseguir o volume “Mais Marginais do Mad” e não o encontrava para venda em lugar nenhum. Desconfiei que não havia saído. Só recentemente, depois de muito procurar, consegui adquirir um exemplar e ter certeza de sua existência. Não dá para saber por que a Record não distribuiu estes livros decentemente. Ou por que parou de publicar a coleção. Certamente tinham boa vendagem, pois vários volumes tiveram reedições. A Record chegou a anunciar outros títulos a serem publicados, nos próprios livros, mas estes eu acredito que ficaram na vontade. Os títulos anunciados, e que quase certamente não saíram, são: – “O Lado Irônico do Mundo”; – “As Primeiras Respostas Cretinas para Perguntas Imbecis”; – “O Livro Mad de Mágica”; – “Don Martin Pega Pesado”; – “Don Martin com Fogo no Rabo”.

A editora Vecchi lançou 17 volumes, sendo 16 numerados e um sem numeração, trazendo datas de publicação. Foram os seguintes: – 1. “As Aventuras do Capitão Klutz” de Don Martin em outubro de 1975; – 2. “O Livro Mad de Mágica” de Al Jaffee em fevereiro de 1976; – 3. “Viva Mad!” de Aragonés em maio de 1976; – 4. “Don Martin Entra Bem” em julho de 1976; – 5. “Spy vs. Spy” de Prohias em agosto de 1976; – 6. “O Livro Mad das Respostas Cretinas para Perguntas Imbecis” de Al Jaffee em outubro de 1976; – 7. “Don Martin Deixa Cair” em dezembro de 1976; – 8. “Mad Vai ao Cinema” em fevereiro de 1977; – 9. “Loucuras do Mad” de Aragonés em abril de 1977; – 10. “Don Martin Vai Levando” em junho de 1977; – 11. “Spy vs. Spy Dossiê nº 2” de Prohias em agosto de 1977; – 12. “O Livro Mad dos Monstros” de Al Jaffee em outubro de 1977; – 13. “Don Martin Segue em Frente” em dezembro de 1977; – 14. “Mad Pra Diabo!” de Aragonés em fevereiro de 1978; – 15. “Mais Respostas Cretinas para Perguntas Imbecis” de Al Jaffee em abril de 1978; – 16. “Don Martin Faz a Cabeça” em junho de 1978. Em julho de 1977, juntamente com o décimo volume, saiu um volume sem número, “Al Jaffee Funde a Cuca”.

A editora Record retomou a coleção de livros de bolso, porém sem numeração e sem colocar data. As datas marcadas a seguir correspondem às datas da revista “Mad” em que os livros foram anunciados: – 1. “Novas Respostas Cretinas para Perguntas Imbecis” de Al Jaffee em julho de 1985; – 2. “As Aventuras do Capitão Klutz” de Don Martin em janeiro de 1986 (reedição do livro da Vecchi); – 3. “As Marginais do Mad” de Aragonés em janeiro de 1986; – 4. “Capitão Klutz II” de Don Martin em fevereiro de 1986; – 5. “Don Martin Vai à Luta” em abril de 1986; – 6. “Don Martin Dá Seus Pulinhos” em junho de 1986 (mesmo livro publicado pela Vecchi com o título “Don Martin Entra Bem”); – 7. “Novíssimas Respostas Cretinas para Perguntas Imbecis” de

METÁTESE E OUTRAS MUMUNHAS

Edgard Guimarães

Direto do Aurélio:

METÁTESE s.f. 1. Gram. Transposição de fonemas dentro de um mesmo vocábulo; hipértese, comutação. ex.: *semper* > *sempre*; *desvariar* > *desvairar*.

A troca de sons dentro das palavras não é somente um erro comum entre as pessoas (quantas vezes já não ouvimos gente falando “iorgute” ou “cardeneta”, sem contar os famosos “cardaço” e “largato”). E não somente entre os desavisados. O que pode começar como erro, uma vez que se propague na população, passa a ser um dos processos de formação de palavras. O tempo e o uso podem consagrar as versões “erradas”.

Este erro específico de troca de sons dentro de palavras pertence a um fenômeno mais amplo que remete aos processos de funcionamento do cérebro. Ao contrário dos computadores que, de modo geral, só entendem comandos muito bem definidos, o cérebro animal, ao longo da evolução, foi se adaptando para ser capaz de tomar decisões mesmo a partir de uma quantidade incompleta de informações. Assim, o cérebro humano é capaz de tirar conclusões mesmo quando as informações que recebe estejam repletas de lacunas ou falhas.

UM DOS EXEMPLOS MAIS INTERESSANTES DE CONCLUSÃO É A CAPACIDADE DO CÉREBRO DE COMPREENDER UMA FRASE MESMO COM A ELIMINAÇÃO DA METADE INFERIOR DAS PALAVRAS

Nosso cérebro realiza esses processos de conclusão a todo instante. Às vezes, mesmo quando a informação recebida está completa, o cérebro elimina parte das informações de acordo com sua própria conveniência. Por exemplo, os sons da fala que ouvimos. Os sensores do ouvido são capazes de identificar todas as frequências de todos os componentes dos sons que recebem. Estas informações são enviadas ao cérebro, e este procura relações entre as várias frequências e quando acha algum padrão, descarta as informações originais e passa a trabalhar com o padrão identificado. Por exemplo, o cérebro identifica uma certa relação de frequências como sendo característica de uma determinada sílaba (ou fonema) da língua portuguesa. A partir daí, não é mais necessário saber quais são as frequências exatas recebidas, mas, sim, que elas significam determinada sílaba. Desse modo, somos capazes de identificar a mesma sílaba pronunciada em tom grave ou agudo, ou mesmo quando pronunciada com sotaque. O mesmo processo nos permite identificar uma música qualquer que seja o tom em que seja tocada ou cantada.

Quando estamos lendo um texto, mesmo que seja com alguma atenção, as informações visuais que estão sendo mandadas ao cérebro, através dos olhos, estão recebendo algum tipo de processamento de modo a identificar seu significado. Assim, reconhecemos letras, seu agrupamento em palavras e o significado de frases e textos inteiros. Mesmo que aparentemente a visão esteja captando toda a informação visual com precisão, isto na realidade não ocorre. O foco de nosso olhar pode passar rapidamente sobre uma palavra e não captar exatamente todas as letras, em sua sequência correta, ou mesmo não captar uma das letras em sua forma correta. Se o cérebro, com a informação que recebeu, não consegue algum significado, provavelmente toma a decisão de reaver a informação, ou seja, o leitor interrompe a leitura e volta a ler o que não entendeu. Mas, se o cérebro consegue dar um significado aos dados recebidos, mesmo que um significado errado, o leitor não toma consciência do erro e prossegue normalmente a leitura.

Exemplifico com um caso ocorrido comigo. Lá na minha molequice, leitor voraz de quadrinhos Disney, gostava especialmente dos embates entre Tio Patinhas e seu arqui-rival Patacônio. Já havia lido dezenas (quem sabe centenas) de histórias desses personagens e nunca tive dúvidas sobre grafia e pronúncia dos nomes dos personagens. Um dia um amigo de meu irmão foi em casa e disse que também gostava das histórias do Patacônio. Achei esquisito o jeito dele falar, mas fiquei constrangido de corrigi-lo. Como ele continuou insistindo em chamar o inimigo do Patinhas de Patacônio, eu me vi na obrigação de dizer a ele que o nome correto do personagem era Patacônio. Ele não se intimidou e persistiu no erro. Eu não tive outra alternativa a não ser provar que eu estava certo. Fui na gaveta da cristaleira onde havia centenas de revistinhas e não tive dificuldade alguma em achar uma que tivesse uma história dos patos ricos. Com toda segurança, abri a revista e mostrei a ele que o nome correto do personagem era... PATACÔNIO? Custei a acreditar, o nome do personagem era mesmo Patacônio. Durante anos eu li histórias em que o personagem aparecia, e sempre que lia seu nome, eu lia Patacônio. Por algum motivo, quando li uma primeira história desse personagem, e vi seu nome pela primeira vez, meu cérebro não percebeu a presença da letra “C” no nome do personagem e concluiu que o nome era Patacônio. A partir daí, sempre que a palavra aparecia, meu cérebro, sem prestar muita atenção, logo concluía que o que estava escrito era Patacônio. E fiquei anos lendo Patacônio onde estava escrito Patacônio. Somente quando fui obrigado a olhar detidamente a palavra é que vi que estava escrito realmente Patacônio. Este caso não foi propriamente de troca de letras dentro de uma palavra, mas sim da eliminação de uma letra, mas o processo perpetrado pelo cérebro é basicamente o mesmo.

Há um outro exemplo em que erro semelhante ocorre, envolvendo grande quantidade de pessoas. Em dezembro de 1987, foi publicado pela Grifho Editorial, o número 1 (e único) da revista “História em Quadrinhos”, uma das várias tentativas de publicação de edições de quadrinhos nacionais. Uma revista interessante, com vários colaboradores de qualidade, e que, como várias outras tentativas interessantes, não logrou êxito; parou no primeiro número. Neste caso específico, será que teve alguma influência do nome escolhido e da maneira como o logotipo foi feito?

O nome da revista é “HISTÓRIA EM QUADRADINHOS”, talvez uma referência à maneira como os portugueses chamavam as HQs – “história aos quadrinhos”. Além disso, o logotipo teve a palavra “quadrinhos” escrita de modo bem embotado. O fato é que em mais de metade das vezes em que há referência a esta revista, ela é chamada de “História em Quadrinhos”. Uma busca rápida pela internet, no momento de escrever este texto, deu o seguinte resultado. O MercadoLivre tem dois anúncios dessa revista, um com o nome correto (“História em Quadrinhos”) e outro com o nome errado (“História em Quadrinhos”). O Estante Virtual tem quatro anúncios da revista, também metade com o nome certo e metade com o nome errado. Além desses, entre os sítios informativos e de venda, achei o nome escrito corretamente no Guia dos Quadrinhos e no sebo RS Raridades. E o nome estava escrito errado no Sebo do Messias, no Rika e na página de catalogação de publicações do Núcleo de Pesquisa de Histórias em Quadrinhos da USP.

Este foi um bom exemplo do processo de conclusão feito pelo cérebro atuando em massa, no caso contando com a ajuda do logotipo confuso. Todas essas pessoas que grafaram erroneamente o nome da revista, ao virem o logotipo, logo concluíram que a palavra escrita era “quadrinhos” e não “quadrinhos”, já que a primeira é uma palavra muito mais usada do que a segunda.

Um outro exemplo, ocorrido recentemente comigo, deve ser mencionado justamente para que eu possa fazer a correção. Acompanho o trabalho de Denilson Rosa dos Reis desde suas primeiras publicações e conhecia seu personagem bárbaro desde suas primeiras aparições. Neste mês de junho de 2012, Denilson finalmente lançou uma publicação estrelada pelo seu personagem preferido, uma edição caprichada, capa colorida, papel de qualidade, 32 páginas, com HQs, ilustrações, textos informativos, tudo de acordo com os conformes. E tive a satisfação de divulgar a edição no “QI” 116, de julho/agosto de 2012.

**PERCY O Mercenário * nº 1 * jun/2012 * 32 pág. * A5 *
R\$ 5,00 * capa color. * Denilson Reis - R. Gaspar Martins, 93 -
Alvorada - RS - 94820-380.**

Aí estou olhando o sítio Marca de Fantasia e vejo uma resenha dessa edição feita pelo José Salles. E o título da resenha é “PERYC”. E agora, José? Li o texto inteiro e o José Salles insistindo em chamar revista e personagem de “Percy”. Não é possível! Só que a resenha tem reprodução da capa da revista e está lá para quem quiser ver que o nome do personagem e da edição é mesmo “Percy”.



(Donald), ao qual meu personagem faz referência. No entanto, não foi e nem será mencionado durante a história, o nome errado no cartão não foi um erro. Foi intencional, uma cortesia do tio rico que mandou a gráfica imprimir errado de propósito, uma pequena maldade em meio aos vários crimes que cometeu e pelos quais, finalmente, pagou, agora cortesia de Ronaldo/Rolando.



HERÓIS BRASILEIROS

JOÃO TYMBIRA

Edgard Guimarães

Apanhado de informações colhidas em “O Mundo dos Quadrinhos” de Ionaldo A. Cavalcanti, “Fã-Zine” 18 de Eduardo Cimó e “Álbum Juvenil Série A” 6 de Valdir Dâmaso.

“Escrito e desenhado por Francisco Acquarone em 1937, esta história foi editada em álbum no ano seguinte pelo “Correio Universal”. João Tymbira é um jovem desportista carioca que recebe uma carta de seu tio em Ouro Preto, falando de um tesouro e pedindo sua presença. Mas ao chegar lá, constata que o mapa do tesouro havia sido roubado por um famigerado ladrão de nome Cascavel. Daí então começa a perseguição de João Tymbira, junto com o índio Gorgulho, ao bando de Cascavel pelo interior do Brasil. Com um roteiro de ótima qualidade, o autor vai contando um pouco da História do Brasil, curiosidades e aspectos geográficos das regiões, ao mesmo tempo em que se desenrola a trama. O desenho de Acquarone, apesar de bastante livre, tinha uma grande influência de Alex Raymond.”

Este é o verbete de João Tymbira no livro de Ionaldo. Eduardo Cimó completa as informações em seu “Fã-Zine” 18.

“João Tymbira em Redor do Brasil”, este é o título do álbum de Quadrinhos, no formato 26x18cm, com história e desenho de Francisco Acquarone, que já havia quadrinizado “O Guarany”, de José de Alencar. Era uma edição extraordinária do “Correio Universal” nº 259-A, de 28 de julho do ano de 1938. Na aventura de João Tymbira, o estilo dos desenhos de Acquarone é bem diferente dos que conhecemos hoje, mas é um verdadeiro marco na história dos quadrinhos genuinamente brasileiros. (...) Em sua viagem, João Tymbira conhece Rosinha, que se torna sua companheira de aventuras. É ajudado pelos amigos índios Gorgulho e Guaracy.”



Apesar disso, seus desenhos, principalmente em “João Tymbira”, tem curiosas peculiaridades. Sem dúvida é um desenho bonito, cuja influência principal deve-se aos ilustradores europeus, com destaque para os ingleses. Mas os artistas norte-americanos dos quadrinhos não ficaram de fora. O próprio João Tymbira tem inegável semelhança com Brick Bradford. E a apresentação do herói como um esportista remete diretamente a Flash Gordon. Sempre se diz que o desenho de Acquarone foi influenciado por Alex Raymond. Mas não é bem isso, não é propriamente o desenho ou o estilo que se assemelham a Raymond. O que Acquarone fez muito em “João Tymbira”, a começar pela capa, foi copiar poses, cenas ou composições criadas por Raymond em ‘Flash Gordon’ ou ‘Jungle Jim’. Um grande número de artistas da época, e mesmo posteriormente, copiaram sem pudor cenas de Raymond e Foster, mas artistas novatos, em começo de carreira, ainda incapazes de compor uma cena mais elaborada. Não era o caso de Acquarone, no entanto. Talvez fosse somente a admiração pelo trabalho de Raymond. Ou o tempo escasso para produzir a história.

O que fica do trabalho de Acquarone em “João Tymbira”, além do desenho apressado ou do enredo simplista (também influenciado pelos “quadrinhos de viagem” ingleses), é o esforço de criar uma obra de fôlego (a HQ tem 88 páginas) ambientada no Brasil, com uma preocupação de mostrar aos leitores cenários nacionais, habitados por gente brasileira (ainda que as caracterizações dos personagens fossem bastante rasas), na contramão das obras mais populares da época, sempre ambientadas em plagas alienígenas (outros países ou outros mundos).

QUADRINHOS EXPERIMENTAIS FRANCESES



CONTOS & DESCONTOS

Etienne Lécroart

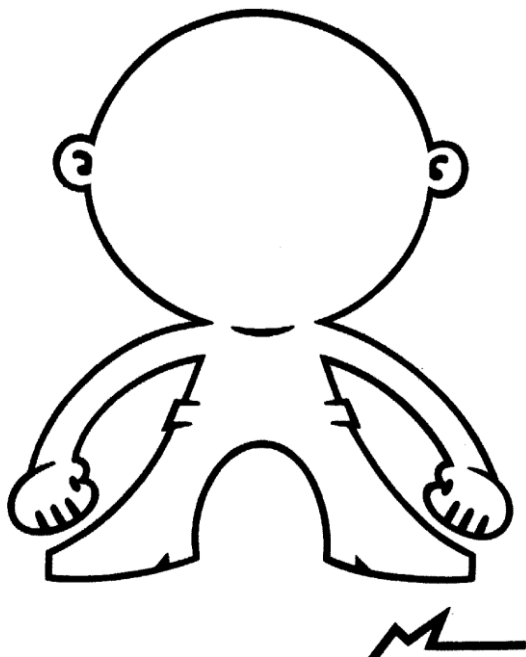
44p. 16,5x24,5cm. R\$12,00.



editora@marcadefantasia.com

www.marcadefantasia.com

HOMEM JUSTO



Marcos Fabiano Lopes tem produzido dezenas de ilustrações com traço extremamente estilizado, tendo como tema os heróis brasileiros. Já publicou várias delas nas revistas da Editora Júpiter II, de José Salles. Marcos enviou para o “QI” a ilustração do Homem Justo vista ao lado. O Homem Justo é uma criação de Oscar Kern (roteiros) e Ailton Elias (desenhos). Sua primeira HQ, de 20 páginas, foi publicada em “Historieta” 1 em outubro de 1978. O nº 2 de “Historieta” trouxe a segunda aventura, onde é mostrada a origem do herói. Esta aventura foi, curiosamente, produzida no formato tira. O pescador Marco encontra um alienígena ferido, Borin, e o ajuda. Sabendo que não se salvará, o alienígena ensina Marco a usar a tecnologia de sua nave. Graças a todos esses recursos, Marco passa a combater o crime envolto em um campo de força que o deixa com enormes poderes. Além disso, sua nave, invisível, sempre por perto, permite que ele desapareça no ar, quando conveniente. Quando os repórteres lhe perguntam o nome, como sua intenção era ser justo, disse simplesmente que era o Homem Justo.

“Historieta” publicou outra aventura do Homem Justo, em que encontra Welta, desenhada por Emir Ribeiro, que mudou sua aparência visual. Homem Justo também recebeu nova interpretação gráfica numa ilustração feita por Deodato Filho, publicada em “Historieta”.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O “QI”

Edgard Guimarães

Entrevista concedida em 2007 para um Trabalho de Conclusão de Curso cujo tema principal foi a produção do “QI”.

PROJETO GRÁFICO DO “QI”

Uma característica presente no “QI” é a grande quantidade de texto, o que acaba levando a uma redução no corpo da fonte (que seria equivalente ao corpo de tamanho 7). Inicialmente essa medida não era exata devido à redução através de fotocópia. Atualmente, com a impressão em papel vegetal, existe um maior controle do tamanho das fontes utilizadas?

Não sei bem como tratar a questão da exatidão a que você se refere. A exatidão na produção de um texto está dentro dos limites de resolução dos aplicativos (no meu caso o Word) e da impressora utilizada. É muito fácil verificar os limites dessa exatidão. Um mesmo texto produzido no Word não sai impresso do mesmo jeito quando se seleciona uma impressora ou outra. É bastante comum que a última linha de uma página passe para a página seguinte ou vice-versa. Isso dá bem a noção de que os drives das impressoras têm limites diferentes de resolução. É por causa de problemas desse tipo que foi criado o formato de arquivo PDF. Para que o documento ficasse imutável independente da impressora selecionada. Então, levando em conta que sempre há limites para a exatidão, o processo anterior que eu usava não trazia perda de exatidão. Eu redigia os textos com o tamanho 14, imprimia e fazia a redução de 50% numa máquina xerográfica. Ou seja, “exatamente” o equivalente ao tamanho 7.

Como os leitores reagem ao corpo da fonte utilizado? Já existiram sugestões de reduzir o conteúdo para aumentar o corpo da fonte?

A escolha do corpo 7 para a fonte foi para colocar o máximo de informação dentro do fanzine, diminuindo assim o número de páginas e o custo. Eu nunca tive problema em ler textos em corpo 7. Mas o tempo passa e a vista não se mantém a mesma. Hoje já tenho dificuldades em ler os textos neste tamanho de letra. Vários leitores chegaram a esta fase da vida antes de mim e sempre reclamaram das letras pequenas, pedindo que eu as aumentasse. Talvez agora na nova fase do “QI”, por sentir o problema na pele (ou na retina), eu finalmente ceda aos pedidos.

A diagramação do “QI” sempre manteve o padrão de duas colunas (de aproximadamente 6,5cm). Como você chegou a esse padrão? Existiu algum tipo de processo para chegar ao tamanho das colunas e o espaçamento entre as frases?

Partindo do tamanho da folha (meio ofício 2), a largura é 165mm, a margem mínima é de 10mm de cada lado e mais 5mm para um eventual refiló, portanto, sobrou 140mm de largura útil. Para um corpo pequeno como o 7, uma frase ocupando toda a largura de 140mm traria uma leitura desagradável. Dai a divisão em duas colunas, com um espaço interno de 4mm entre as colunas, cada coluna ficou com 68mm. Por que não mais de duas colunas? Ai é o contrário, uma coluna menor também traz leitura desagradável na minha opinião. Acho as colunas padrões dos grandes jornais muito estreitas e desagradáveis. Às vezes, quando há uma palavra grande, fica somente ela na linha e o alinhamento justificado faz com que as letras sejam espaçadas, o que chama a atenção do leitor, quebrando o ritmo da leitura.

O cabeçalho e o rodapé são alguns dos elementos dentro do “QI” que apresentam maiores transformações dentro da edição (iniciado com um grande retângulo preto com a paginação e finalizou com a eliminação do cabeçalho e um rodapé muito mais simplificado). O que motivou essa série de modificações?

Quando o “QI” era feito com a colagem manual de textos e imagens, eu tinha uma página padrão já impressa com o cabeçalho e o rodapé. Então era só colar os textos e colocar os números das páginas com decalque. Quando passei a fazer toda a página no computador, a colocação do cabeçalho e do rodapé apresentou dificuldades. Acabei resolvendo eliminar esta característica da publicação, para simplificar a feitura da página.

Quando colaboradores enviam materiais ao “QI”, eles precisam ser adequados ao projeto gráfico da revista (quantidade de caracteres, imagens, cores, etc.)?

O caso mais crítico é o do anúncio. Neste caso, peço que o próprio anunciante produza o anúncio da maneira que quiser, respeitando apenas a dimensão disponível. Então não tem qualquer interferência de minha parte quanto ao padrão visual das páginas de anúncio. E isso não me incomoda, não considero que esta quebra de padronização prejudique a publicação. Pelo contrário, uma publicação independente deve ter este respeito ao colaborador, que ele se manifeste (mesmo num anúncio) da maneira que quiser. Quando a colaboração é de texto ou artigo, eu redigito tudo no padrão do “QI”. Nesse caso, o importante é o conteúdo e não a diagramação do texto. No caso de HQs, obviamente que são publicadas como foram produzidas pelos autores.

É possível notar que não existe um número padrão de páginas. Em algum momento foi considerado definir um número padrão de páginas para o “QI”?

Não, eu só tenho um limite superior, não posso fazer o “QI” com mais de 28 páginas, pois aí seu peso ultrapassaria 50g e cairia numa faixa acima de porte do Correio, aumentando muito o custo de envio. Fora esta restrição, o que determina o número de páginas é que sempre tento colocar tudo que recebo durante o bimestre, cartas, divulgação, artigos, HQs etc. Como o número de páginas tem que ser múltiplo de quatro, talvez eu precise deixar alguma coisa para o próximo número, talvez eu tenha que “inventar” uma página que não estava programada.

Dentro das modificações do “QI”, existe alguma que deixei de comentar, que você considera marcante? E ainda existe algo que você gostaria/planeja modificar no “QI” atualmente? Por quê?

Estou sempre pensando em modificações. A produção de uma capa colorida não está fora de cogitação, depende apenas de que esta produção seja viável economicamente, pois considero o custo baixo prioritário. Com o desenvolvimento da tecnologia, talvez a produção da cópia colorida barateie o suficiente para que eu possa utilizar este recurso. Para as grandes tiragens, isso já é possível. Veja que os grandes jornais já possuem grande quantidade de páginas coloridas. Há uma modificação que já foi feita com o início da HQ que estou produzindo atualmente. Note que as 4 páginas dessa HQ não seguem a numeração do “QI”. Ou seja, é um encarte adicional à publicação. Isso acontece também com a cédula de votação do “Angelo Agostini”, é um encarte. Esta inclusão de encartes ao “QI” é algo que vejo com bons olhos, não aparecem mais, pois ninguém nunca se interessou por isso. Vários leitores já se interessaram, diversas vezes, em enviar publicações próprias, independentes, junto com o “QI”. Nesse caso, arcam com os custos da publicação e do aumento do porte, quando for o caso.

LOGOMARCA DO “QI”

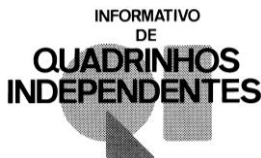
Estou enviando novamente as questões da logomarca. Acredito que, fora a adição das capas, foi o elemento gráfico presente no “QI” que sofreu mais modificações.

Inicialmente, quando questionado sobre a criação da marca do “QI”, foi relatado que a principal inspiração foi a logomarca do programa do Jô Soares. Qual a principal razão de ter sido utilizada como inspiração para a logomarca do “QI” (pela estética da marca, ou existe alguma outra relação)?

A razão foi a simplicidade, o uso de figuras geométricas simples combinadas formando uma figura com significado. Estou me referindo ao logotipo do programa do Jô Soares no início, atualmente não sei como é. Seguindo essa ideia, o logotipo do “QI” foi formado por três figuras geométricas simples: um círculo, um triângulo retângulo e um retângulo. Esta busca por obtenção de informação a partir de figuras geométricas simples tem exemplos bem mais instigantes do que o logotipo do Jô. Há um tipo de jogo de origem chinesa chamado Tangram onde o desafio é conseguir fazer desenhos estilizados usando 7 figuras geométricas planas simples (alguns triângulos, um quadrado e um paralelogramo). E os resultados são inacreditáveis.

São visíveis as transformações na logomarca do “QI” durante a sua evolução. Por que foram realizadas todas essas mudanças (melhorias técnicas, experimentações)?

As quatro primeiras foram feitas por mim, a primeira obviamente foi a mais simples possível, seguindo a ideia original e depois com algumas modificações no sentido de tornar o logotipo mais atraente. Tentei dar a impressão de que o logotipo era transparente e colocado por cima das letras. E como acontece devido a fenômenos óticos, deformando um pouco as letras, como uma lente. As três seguintes foram enviadas por um leitor, artista gráfico, chamado Fernando de Andrade Barros. Note que a característica do triângulo fazendo o apêndice do “Q” não aparece. Apesar desse “defeito”, resolvi utilizar os logotipos apresentados. Depois resolvi voltar à ideia original, mas dando ao logotipo um certo volume, o que é conseguido pelo uso de duas retículas em degradê em oposição. Essa solução eu achei boa o suficiente para ser definitiva e a mantive na grande maioria das edições seguintes.



FÓRUM

ANITA COSTA PRADO

C.P. 20020 – São Paulo – SP – 02720-970

A capa do 117 está ótima!!! Nosso super herói, lutando pela valorização dos quadrinhos brasileiros, alternativos especificamente. As duas páginas de 'cotidiano alterado' dão prosseguimento a um trabalho de primeiríssima qualidade. Para ser franca, de tudo que tenho visto e recebido, é um dos poucos trabalhos que se mostra com um diferencial que marca e fica na mente.

CÁSSIO DE AQUINO

R. Antônio Sales de Camargo, 107 – São Paulo – SP – 04137-050

Agradeço ter publicado meu recado relacionado à caixa postal. Muito bacana a figurinha inclusa na correspondência! Você já é um super-herói! Com certeza você é um cara que coloca em terra brasilis o fanzine num lugar de destaque! Parabéns! Também curti pacas aquelas seções 'cotidiano alterado', uma nova maneira de fazer mídia... tão criativa quanto a tal internet...

ALAEUTE GOLZENLEUCHTER

R. Silva Jardim, 568/62C – Piracicaba – SP – 13419-140

Achei bem legal a última edição do "QI", notadamente o seu artigo sobre a Bloch na seção 'Mistérios do Coleccionismo'. Eu não sabia que havia um boato sobre uma suposta edição nº 8 de "Cine Mistério"!!! Será que isso procede?

Como comentei na seção 'Mistérios do Coleccionismo' do "QI" 116, não é raro aparecer boato sobre a existência dessa ou daquela revista. Um tormento para os colecionadores. Em relação ao "Cine Mistério", todas as vezes que vi à venda uma "coleção completa" dessa revista, ia até o número 7.

LARI FRANCESCHETTO

R. João L. Carvalho, 98 – Veranópolis – RS – 95330-000

Muito grato pelo envio do "QI" 117, pelo intercâmbio, pela atenção e pela nota na seção 'Fórum'. Pé na estrada, porque a vida é agora, é já, nos convoca e não espera. Meu sulino e caloroso abraço.

PAISAGEM**Lari Franceschetto**

Na calçada, Roberto, de temo,
pasta marrom, gel no cabelo.
Na calçada, Maria, morena,
guarda no ventre uma rosa.
Na calçada, Cintia, minissaia,
oferece sua calma
ao operário com pressa.
Na calçada, Carlos, 15 marcos,
vende pedaços de sonho.
Na calçada, Antônia, 70 anos,
reclama do outono.
Uma criança na calçada,
pés descalços, olha a lua.
É madrugada. Inverno.
O mundo continua
miseravelmente
belo.

LANCELOTT BARTOLOMEU MARTINS

R. Dr. João Cândido, 1340 – Parnaíba – PI – 64218-410

Muito grato pela presteza que tem dedicado a este seu admirador. Este material sobre o João Tymbira era o que faltava para meus apontamentos e você me reproduz justamente a edição do Valdir, que eu ansiava por encontrar. Estão impecáveis as cópias.

Aproveito para falar do "QI" e principalmente pelos extemporâneos (no sentido de fora do tempo) insides do 'cotidiano alterado', expressão muito apropriada por nos impactar com a memória de um tempo que não volta mais... A iniciar pelas suas sacadas das alterações realmente do cotidiano, tão bem e inusitadas pelo seu traço, estas são dignas de comporem uma coletânea impressa. 'Krazy Kat' (meu preferido), 'The Terrors of the Tiny Tads', 'Little Sammy Sneeze', enfim, são verdadeiros registros icônicos que não podem deixar de ser lembrados. Parabéns por estes resgates e nos propiciar estas lúdicas alegrias.

Queria aproveitar o 'Fórum' para, em tempo, cumprimentar o amigo Lírio pelo seu trabalho esmerado com a cronologia do Tarzan e agradecer o envio dos fanzines. Muito bom! E dizer a outro grande entusiasta do Tarzan, o amigo Sérgio Luiz Franque, que também me presenteou com duas edições de sua própria lavra: "As Várias Faces de Tarzan" e "O Legado de Tarzan", que fiquei envaidecido pelo material enviado. Aproveitando o espaço, amigo Sérgio, poderia me enviar alguma edição do seu personagem (William Dias) para meus apontamentos e arquivos? Quanto às tiras de Bob Lubbers que tenho, não estão traduzidas e são de baixa resolução.

Este 'Fórum' é um verdadeiro encontro de aficionados de quadrinhos e peço desculpas ao Edgar pelo aviso no corpo do e-mail aos amigos citados, pois sou péssimo para escrever cartas...

GASPAR ELI SEVERINO

R. João Voss Júnior, 66 – Guarani – Brusque – SC – 88350-685

A capa está sensacional, contigo vestido de super-herói, com a velha Olympia e a pilha de papéis. E na contracapa, pra mim é a Garota de Ipanema que tu desenhaste. O texto 'Meu Primo Máius', que conta a história do teu contato com ele, me fez lembrar do Jabaculê e Patatá, que ouvi falar e não lembrava mais quem era o autor. E, vejamos só, era o Máius, teu primo. Não sabia que foram publicados álbuns de colorir do Tintim, se um dia encontrar um deles, envio pra ti. Fiquei contente com 'Tirando o Chapéu' com Pafúncio, fazia tempo que não via esses quadrinhos, familiares para mim, pelo desenho muito talentoso de George McManus. E aí me lembrei de um desenho que jamais esqueci, é aquele das aventuras daquele cowboy que andava sempre em companhia do indiozinho, e que sempre falava nos quitutes da vovó, te lembrava dele?

As publicações alemãs, que destaca a alta qualidade gráfica, eu nunca li. Temos uma livraria de antiguidades na cidade vizinha de Blumenau, que tem para vender muitas revistas alemãs, como contos de western, romances, revistas do rádio e outras, mas nunca vi nada como "Bjorn" ou "Donjon". Gostei de ler o 'Depoimento do Editor' sobre Aimar Aguiar, que tem todas as publicações do Lone Ranger no Brasil e centenas de edições estrangeiras, acredito que deve ser um dos maiores do mundo nessa categoria. O 'Fórum' está soberbo, se aprende muita coisa lendo as cartas dos leitores do "QI", que pertencem a uma categoria especial.

ROGÉRIO SALGADO

C.P. 836 – Belo Horizonte – MG – 30161-970

Recebi o "QI" 117. Fico feliz de ver que você continua não deixando a peteca cair. A cultura depende de pessoas como você, que vai à luta e insiste em fazer cultura alternativa, sem hipocrisias e livre de falsos moralismos. Os textos da revista são excelentes, assim como os desenhos. Enfim, toda a revista está excelente. Adorei deitar sofá e saboreá-la.

ALEX SAMPAIO

P. São Braz, conj.02, Bl.D, ap.03 – Salvador – BA – 40235-430

Foi muito legal ver o amigo Aimar Aguiar na ‘Memória do Fanzine Brasileiro’. Conheço Aimar desde a década de 1980, período em que frequentei sua residência por algumas vezes para troca de revistas e informações sobre quadrinhos. Sempre aos domingos, eu e o Carlos Alberto Calmon nos encontramos para juntos irmos à casa do Aimar debater e trocar gibis. Muito legal! O Aimar sempre foi receptivo e muito atencioso. Seu fanzine, “Nostalgia dos Quadrinhos”, sempre trazia ótimas informações sobre a Era de Ouro dos Quadrinhos. O Aimar tem uma quantidade imensa de informações sobre o mundo dos quadrinhos. Enorme também é a sua coleção de revistas. Na época, já chegava a 20 mil exemplares. Imagine hoje...

Essa questão da decadência dos fanzines impressos, principalmente sobre quadrinhos, é uma questão muito relativa. Existem muitos fanzines em circulação, o que realmente falta é um meio que divulgue essas publicações. O “QI” faz isso muito bem, pois divulga essas edições de maneira abrangente e com uma tiragem enorme. As informações chegavam por todo país, pois o “QI” tinha leitores pelo Brasil afora. Com esta nova forma que você encontrou para continuar publicando a edição, muitos editores ficaram órfãos, pois não têm outro meio de divulgar seus trabalhos. Em Salvador, temos encontros de editores, leitores e quadrinistas aos sábados, onde as reuniões são feitas no Salvador Shopping, para trocar ideias sobre desenhos, HQ e afins e também discutir projetos de publicação de quadrinhos que já estão em andamento. Para as coisas acontecerem, é preciso que se formem grupos com ideias afins e com os mesmos propósitos e objetivos. Nesses encontros, percebo que existem muitos fanzines em Salvador que o Brasil não conhece.

CARLOS GONÇALVES

R. Tomás da Anunciação, 171, 3º Dto – Lisboa – 1350-326 - Portugal

Ao longo dos meus 20 anos (1980-2000), em que me dediquei à divulgação da Banda Desenhada (quer portuguesa, quer estrangeira) em Portugal, através da publicação semanal de artigos em dois jornais (um durante 18 anos e outro, 5 anos), na revista “História” com 15 artigos de cerca de 30 páginas cada, quer também em outras revistas, quer na criação do “Boletim Informativo” do Clube Português de Banda Desenhada, quer mesmo na criação do meu fanzine “O Aventureiro”, verifiquei que para tal função era exigida uma grande dose de dedicação e amor às Histórias aos Quadrinhos. Não era possível, quem quer que fosse, empenhar-se nessas tarefas sem abdicar de algumas coisas importantes da sua vida pessoal e até profissional. Ao ler este seu novo “QI” 117, vejo que o seu criador possui todas as aptidões e todos os requisitos necessários para levar a bom termo as tarefas em que se empenhou, na publicação desta sua pequena e preciosa edição. Modesta na sua apresentação, mas rica em informação, onde se verifica cada vez mais, um altruísmo de louvar. E tal qualidade é bem patente, quando verificamos que ao criar a sua publicação, de uma forma isenta, oferece aos seus leitores interessados muitas horas de pesquisa cheias de informações úteis que, de outro modo, não existiriam. Por isso, amigo Edgard Guimarães, só me resta dar-lhe os parabéns pela execução deste seu bom trabalho e que assim continue por longos e bons anos e que nunca lhe falte, como muitas vezes acontece, incentivos e palavras de apreço pelo seu esforço, para que cada vez melhor, leve a bom porto o seu profissionalismo em prol de uma arte que, mesmo ainda hoje, infelizmente, é votada ao ostracismo muitas vezes. Sobre os seus artigos, que povoam quase a totalidade das páginas do “QI”, estão todos bons. Parabéns.

Sobre as edições da Bruguera, na verdade, esqueci-me de lhe dizer que embora estes volumes sejam de texto, acompanhadas de páginas de banda desenhada, estas podem ser lidas em separado, sem prejuízo para a história. Digamos que em cada brochura, há a possibilidade de ter três leituras, ou só do texto, ou só da BD, ou ainda as duas alternadamente. O autor do Rin Tin Tin e do Bonanza era Edmond Fernandez Ripolli, autor espanhol nascido em 1942.

LUIZ ANTÔNIO SAMPAIO

C.P. 3061 – Campinas – SP – 13033-970

Houve uma aventura de Brick Bradford, ‘The Metal Monster’ (tiras de 13/2/1939 a 16/3/1940) em que ele enfrenta aquele monstro de metal e o “cientista louco”. Archie Godwin trouxe de volta o monstro e o “bandidão”, citando Brick como algo do passado. Naquele seu início, as histórias de Brick Bradford se passavam na época real (anos 1930,40). Depois, com aquele pião do tempo, tudo ficou atemporal, com Brick indo ao passado, ao futuro, a outros planetas. Veja só! O episódio ‘The Metal Monster’ levou mais de um ano nos jornais para se completar. Naquela época os leitores tinham paciência. Hoje, quem esperaria tanto para terminar a leitura de uma história? Não me lembro de nenhum outro título de jornal que tenha misturado personagens assim. Talvez uns dois ou três. No casamento do Fantasma, Mandrake, Narda e Lothar estiveram presentes. Em ‘Lance’, aparece um sargento Ruggles (certamente Casey Ruggles disfarçado por questões de direito autorial). Em um episódio do Tarzan de Manning reaparece um velho vilão criado por Hogarth (acho que o nome dele era Dagga Ramba, ou coisa parecida). Mas se procurarmos, vamos achar mais alguns desses “cruzamentos”.

Comentei com Sampaio uma curiosidade aparecida no recém-lançado volume 4 de “Secret Agent Corrigan” da editora IDW. Na aventura de 4 de novembro de 1974 a 15 de fevereiro de 1975, escrita por Archie Goodwin e desenhada por Al Williamson, precisamente na tira de 9 de dezembro, há menção a outro herói dos quadrinhos, Brick Bradford. Um vilão, Avil Blue, que apareceu numa aventura de Bradford em 1939 reaparece 30 anos mais velho na história de Corrigan. Também é mencionado o próprio Bradford como o herói que derrotou o vilão lá em 1939. A primeira curiosidade é essa referência de um personagem de tira de quadrinhos em outra série, coisa bastante rara. A outra curiosidade é que para um dos heróis o tempo passou e para o outro não. Corrigan, criado em 1934, ainda é jovem em 1974, enquanto Bradford, criado em 1933, é tratado como alguém que não está mais na ativa. Um dos personagens da aventura original, o cientista Kalla Kopak, já está morto, e sua sobrinha participa das aventuras de Corrigan. Ora, na época em que esta história de Corrigan foi publicada, Brick Bradford ainda era publicado nos jornais. Ou seja, a característica de o tempo não passar para os personagens de HQ não foi considerada no caso específico de Bradford. No mesmo volume, numa aventura seguinte, Corrigan volta a fazer uma menção rápida a outro personagem de quadrinhos, dessa vez o Mandrake.

LUCIANO FREIBERGER

R. Porto Seguro, 345 – Porto Alegre – RS – 91380-220

O “QI” 116 estava simplesmente muito bem feito. ‘Quadrinhos Brasileiros Bissextos’ me encantaram, o conteúdo de “Bingo” é atípico, vale a pena conhecer o trabalho de Paulo José. Belo e sugestivo desenho de Guilherme Amaro. Sua vinheta foi feita durante qual aula? Talvez alguma bem xarope!

“Edgar Franco e suas Criaturas no Banquete de Platão” é uma obra que estou ansioso para conferir, pois se trata de um dos mais talentosos quadrinistas que já vi.

Aí vão outras publicações alemãs e eu destacaria “Bullengeschichten” (Estórias de Touros), editada pelo amigo Rainer Schneider, de Munique. O editor de “Plop”, Andreas Alt, fraturou a perna ao sair de um trem, e esteve hospitalizado com diabetes, inclusive. Afastou-se do fanzine, mas o passou para outro editor.

MARCOS FABIANO LOPES

Av. Suarões, 2181 – Itanhaém – SP – 11740-000

Sobre a coluna com os Heróis Brasileiros, pensei em fazer a ilustração com o Homem Justo do Oscar Kern. Tenho várias edições das revistas da série ‘Capitão Mistério’ e as numerações são bem confusas. A matéria em ‘Mistérios do Coleccionismo’ vai ajudar muito para organizar a coleção da Bloch.

ABELARDO SOUZA

R. Osvaldo Prado, 102 – Mesquita – RJ – 26580-370

Desculpe-me a demora em escrever-lhe. Sofri um revês – um não, mais de um – nos últimos meses. Falecimento de minha sobrinha (45 anos) devido a uma trombose. Logo após, o de meu irmão (74 anos). Afogou-se na Barra. Com um apartamento ali, passava os dias pescando. No dia de seu aniversário, foi pescar. Devido às ondas fortes, caiu ao mar, vindo morrer afogado. Ele, que era um nadador exímio e com várias medalhas, afogou-se. Coisas do Divino.

Parabéns pela ideia do envelope extra com ‘cotidiano alterado’.guardo ansioso sua continuação.



Fotos de edições da Ebal, enviadas por Abelardo Souza

FRANCISCO FILARDI

R. Carlos de Vasconcelos, 21/904 – Rio de Janeiro – RJ – 20521-050

Recebi aqui o nº 116 do “QI”, desculpe-me a demora em acusar o recebimento. Estava às voltas com o período eleitoral e a correspondência está atrasada. Seguem mais alguns recortes sobre quadrinhos. Por aqui, tenho visitado exposições. As fotos dos eventos estão no Facebook. Quando puder, dê uma olhada.

<http://intervalocultural.blogspot.com>

www.facebook.com/IntervaloCult

Quanto ao assunto Direitos Autorais, que você aborda no introito de ‘Direitos e Esquerdos’, penso que a lei só deveria proteger o autor dos plágios. Não entendo o excessivo apego de alguns autores à obra. Compreendo o lado de quem sobrevive exclusivamente de seu trabalho, mas no caso específico de divulgação, não vejo problema em ver meus textos reproduzidos total ou parcialmente em blogs ou sites, desde que citados autor e fonte. Há algo nesse sentido em Intervalo Cultural e a Lei 9610/98 dispõe sobre isso. Acredito que, uma vez materializado, o produto cultural assume corpo e identidade próprios, independentes de seu autor, com quem mantém proximidade espiritual, afetiva. Mas numa perspectiva holística, a obra extrapola o ambiente estrito da criação para pertencer não somente a ele (autor), mas à comunidade, à sociedade. Quanto maior o alcance, quanto mais pessoas tiverem acesso a esse produto, maior valor se agrega ao trabalho, maior prestígio a obra confere ao autor. Precisamos ampliar a nossa percepção e permitir que nossa obra caminhe pelas próprias pernas e ganhe o mundo com a nossa alma.

JOSÉ MAGNAGO

R. Jerônimo Ribeiro, 117 – Cach. de Itapemirim – ES – 29304-637

Hoje seguem os restantes dos fanzines deste ano de 2012. Todos atrasados. Mas agora consegui colocar em dia. Tenho recebido os “QIs”, que estão ótimos, cada um melhor que o outro. Continue a nos brindar com essa publicação, que muito nos ajuda a manter-nos informados sobre as publicações de nossos colegas fanzineiros e a lermos várias matérias, opiniões, cartas, etc., como vem sendo feito desde o nº 1, e ainda nos ajudando a divulgar nossos trabalhos.

ANTONIO ARMANDO AMARO

R. Haia, 185 – São Paulo – SP – 03734-130

Caramba, a capa deste número mostra um “super-herói” de verdade, de carne e osso, a sua força vem do talento, inteligência e cultura. Parabéns ao Lancelott por essa bela homenagem ao homem que, mesmo com todas as dificuldades possíveis, mantém por tantos anos, com muita garra e fibra, a melhor revista sobre quadrinhos do Brasil. Nós, admiradores do Edgard, agradecemos. Mas vamos falar deste nº 117, como sempre, outra vez os teus 9 artigos impecáveis, você não deixa brecha para críticas! Gostei de todos, mas o que mais me agradou foi ‘Meu Primo Málus’, não sabia que ele era seu primo. Olhe, de ‘Málus’ não tem nada, ao contrário, ele e você são ‘Ótímus’. Agradeço mais uma vez por publicar o desenho de meu filho Guilherme, o poema e a biografia da mestra Alda Cabral. Eu já disse a ela que os teus leitores são o que há de melhor dos quadrinhos, são a nata, escritores, desenhistas, poetas e artistas. Nunca imaginei que você fosse publicar a minha carta na íntegra, a respeito da minha promessa à cidade de Aparecida. Relembro a minha jornada da Penha à Aparecida ao longo da Via Dutra, com muito sacrifício, mas se fosse necessário, a faria de novo para ter a minha querida mãe ao meu lado.

Na carta anterior, eu esqueci de comentar o teu lindo desenho do Tarzan jovem. E esta gata de seios à mostra? Mata o velho! Dois lindos desenhos feitos pelo garotão Edgard em 1981, parabéns!



Ilustração de Guilherme Amaro



Foto enviada por Antonio Armando Amaro. A partir da esquerda, Rubens Cordeiro, Rodolfo Zalla, Antônio e Guilherme Amaro.

ANTONIO PEREIRA MELLO

R. Oscar Henrique Zappe, 212 – Santa Maria – RS – 97045-350

Gostei do ‘Mistérios do Coleccionismo’, mas dou destaque para ‘O Fim dos Fanzines’, ‘Direitos e Esquerdos’, ‘Considerações sobre o QI’ e o depoimento do Amiar Aguiar, um amigo com quem mantive correspondência muitos anos, li muito e gostava do ‘Nostalgia dos Quadrinhos’.

Continuo atuante no mundo das HQs, sou integrante do Núcleo de Quadrinhistas de Santa Maria – Quadrinhos S/A. Agora estou te enviando um ‘Caderno Mix’ (sobre quadrinhos de Santa Maria) e mais xerox de matérias sobre o assunto. Ah, quero dizer também que gostei muito do ‘cotidiano alterado’ e ‘outros cotidianos alterados’.

Tapejara

Louzada



Tiras enviadas por Antonio Pereira Mello

VALDIR RAMOS

C.P. 44 – Araraquara – SP – 14801-970

Recebi o ‘QI’ 117, como sempre, muito conteúdo e informação que nos fazem pensar e refletir! Segue revista ‘Kappa’ com matéria sobre nossa coleção (de discos de vinil, em especial de Jimi Hendrix). Vou ter que me desculpar com a família Hendrix pelo ‘cantor inglês’... sabe como é repórter inexperiente. Estamos finalizando a edição 70/42 de ‘Fatherzine’ para lançamento em novembro. Vamos publicar a foto do Jimi tocando acordeão como uma homenagem ao centenário do Luiz Gonzaga.

ANDERSON CAMILO DA COSTA

R. Três, 135 – próx. Escadaria – Ipatinga – MG – 35162-750

Estava trocando ideias com um amigo duma determinada religião e eis que mostrou-me um ‘revistão’ editado por eles. Era uma coletânea de tudo que eles haviam feito até o momento. Capa dura e, internamente, mantinham-se as capas originais com data e tudo mais. Desculpe-me a ousadia, mas já pensaste em fazer algo nesta magnitude com o teu ‘QI’? Digo, com as edições mais antigas. Seria bacana, creio eu, rever certas reportagens. Ou você poderia resgatar somente as edições que julgar mais marcantes. Acho que valeria a pena ter todas estas edições já passadas do ‘QI’ nalguns volumes.

Envio-lhe também um poema de uma outra época, quando eu ainda achava que música, poesia e atitude podiam mudar este mundo. Eu, por culpa tua, andei saboreando poesia no ‘QI’. E aquela velha chama fora acesa uma vez mais... e aí está um dos meus últimos poemas, uma de minha últimas digladiações comigo mesmo.

Pelo que você falou sobre o ‘revistão’, parece ser um ‘encalhe’, ou seja, quem imprimiu as revistas ficou com uma boa quantidade de sobras de todos os números e aí os ajuntou numa encadernação para tentar vender desse modo. Muitas editoras de quadrinhos sempre usaram este recurso e algumas ainda usam. No caso do ‘QI’, do nº 0 ao 40, a maioria está esgotada, ou seja, não tenho os exemplares prontos sobrando para encaderná-los. Até um tempo atrás, quando eu tinha máquina xerográfica própria, eu podia providenciar cópias dos exemplares esgotados e assim, cheguei a vender algumas coleções completas de números antigos. Atualmente, do número 41 em diante, tenho exemplares sobrando de quase todos os números (apenas o nº 42 está esgotado), mas não vejo necessidade de encaderná-los, o que iria encarecer. Quem tiver interesse, basta encomendar os números desejados. Não faz muito tempo, um leitor encomendou todos os exemplares disponíveis a partir do nº 41.

TROLHA I

Anderson Camilo da Costa – 18/09/2001

Eu queria ser um bandidão,
destes de Televisão...
mas tenho medo de afogar-me
em sangue mais que puro, inoente...

Eu queria ser um cramunhãozinho,
mas já está isto fora das modas
(depois, não há nada mais satânico que
a ignorância dos ditos ‘cristãos’!!!)

Eu queria ser um black zumbi power...
punk gótico, skin qualquer coisa head,
mas é imbecilidade demais querer ser um
grandesíssimo e atoleimado imbecil...
(ser irmão de TODOS deve ser mais mió)

Eu queria ser um ricaoço...
mas ser ‘fértil’ e indiferente em meio
a tantos miseráveis e deve ser mui mais que crucial...

Eu queria ser um monarca...
eu queria ser um amante de Helena
ou apenas um ébrio e reles poema...

Eu queria ser um pateta mais poeta
um homem mais humano e menos ‘lúcido’
um contador de histórias menos estúpido

Ah, mas como ser Tantos...???
se não consigo nem mesmo ser
este meu ‘eu’ Mesmo...!!!

Edgard Guimaraes

Na carta anterior não fiz comentários sobre os exemplares que recebi anteriormente (de uma só vez), mas farei agora “meio por cima”. Não tive tempo, ainda, de ler tudo de fio a pavio, porém degustei algumas matérias que me chamaram mais a atenção. Entre elas, cito como de muita importância e muito atraentes as de sua autoria, ‘Mistérios do Coleccionismo’ e ‘Heróis Brasileiros’. Esta última bateu fundo na nostalgia, trazendo uma grande saudade desses gibis que tanto apreciei e colecionei na infância e adolescência, como “Mylar” e “Juvêncio”. No último “QI”, senti a falta dessa página, que você substituiu por ‘Quadrinhos Brasileiros Bissextos’, que também é excelente. Espero que ‘Heróis Brasileiros’ continue saindo e que você não se esqueça de Jerônimo O Herói do Sertão, que, a meu ver, foi o quadrinho nacional mais importante do Brasil e de vida mais longa. Seu desenhista, Edmundo Rodrigues, foi um dos destaques entre a grande constelação de estrelas no universo dos quadrinhos brasileiros dos anos 1950 e 60. Foi uma grata surpresa constatar o nome, entre outros grandes artistas, de dois grandes quadrinhistas dos anos de ouro das HQs brasileiras: Izomar e Primaggio. Izomar desenhou muitas histórias infantis, salvo engano, para as editoras Continental e Outubro, nos anos 1960. Já Primaggio, além das capas para a RGE, tenho por boa lembrança as aventuras de Rocky Lane para a mesma empresa, em que ele captava perfeitamente as feições do cowboy do cinema. Gostei do ‘cotidiano alterado’, bastante original e criativo, um tipo de ficha para colecionar. Seus trabalhos estão muito bons, tanto nas ideias quanto nos desenhos.

MARCOS VENCESLAU

Av. Assaré, 20 – J. Sabará – São Paulo – SP – 04446-060

Está recebendo mais um exemplar do fanzine, precisamente o último. Foram 50 edições em pouco mais de 8 anos. De 0 a 49. Sem planos para qualquer edição no momento. Cada um dos membros do grupo segue seu caminho solo.

QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

Gaspar Eli Severino enviou “Quebrando o Silêncio”, edição especial da revista “Nosso Amiguinho”, sobre as diferenças individuais; e a revista “Plante uma Grande Companheira”, produzida pelos Supermercados Archer em comemoração ao Dia da Árvore. **Alex Sampaio** enviou o nº 2 da revista “PBKkids”, produzida pela loja de brinquedos PBKkids. **Luciano Freiberger** enviou “Recrutinha”, revista comemorativa do Dia do Exército Brasileiro, com HQs de Luiz Fernando Vieira.

Valdir Ramos enviou a revista “Kappa” de outubro de 2012 com matéria sobre sua coleção de discos de vinil, com destaque para os trabalhos de Jimi Hendrix.



A propósito da carta de Francisco Filardi, que comentou meu texto ‘Direitos e Esquerdos’ publicado no “QI” passado, reproduzo a seguir trecho de meu texto de apresentação do livro “Escritores de Brazópolis”, produzido por mim e minha mãe, Isa de Faria Guimarães, e lançado no meio do ano de 2011.

O livro teve como proposta principal trazer biografias dos Escritores de Brazópolis, cada biografia acompanhada de foto e uma amostra do trabalho do autor. Esta é a Parte 2 a que se refere o texto abaixo. Mas o livro trouxe também uma antologia de trabalhos de vários Escritores e uma seção de textos críticos sobre os autores. Estas são as Partes 4 e 5 mencionadas.

“Uma questão de suma importância que permeia o dia-a-dia de quem se propõe fazer um livro como este é a questão do direito autoral dos textos pesquisados. Não há dúvida de que um autor deve ter direitos sobre sua produção artística e literária, mas, por outro lado, a sociedade não pode ser privada do acesso a obras de seu interesse por causa de questiúnculas burocráticas envolvendo esses direitos. O interesse coletivo deve ter precedência sobre o interesse individual. Esta não é, no entanto, uma questão pacífica. A todo momento se tem notícia de decisões judiciais privilegiando o interesse particular de um autor em detrimento do interesse geral da coletividade. Quando se inicia uma pesquisa como a feita para a confecção deste livro, começa-se a descobrir uma quantidade não imaginada de obras da mais alta qualidade e o impulso imediato é o de publicá-las para que mais pessoas tenham acesso a elas. A falta de uma jurisprudência clara sobre o tema torna este impulso temerário e é preciso refrê-lo. E assim foi feito.”

“A inclusão de obras dos Escritores na Parte 2, neste contexto de amostras de seus trabalhos junto às biografias, não fere o direito de autor, pois a obra em si não é o objeto da publicação. A Parte 2 é composta de um trabalho de pesquisa histórica cuja finalidade é o registro das biografias dos Escritores de Brazópolis e as obras incluídas têm função secundária, de exemplificação ou ilustração da produção dos biografados. Como é feito em qualquer reportagem de jornal que ilustra a matéria com obras do autor focado. Ou nos estudos acadêmicos em que a análise de uma obra exige a inclusão da obra analisada.”

“Nas Partes 4 e 5, no entanto, as obras aí coletadas são as peças principais das partes a que pertencem. Embora, por princípio, o interesse coletivo devesse predominar e, sem prejuízo para os autores, a publicação dessas obras em um trabalho de pesquisa devesse ser permitida, sem restrições, em favor da disseminação cultural, optou-se por não fazê-la. Assim, as obras incluídas nas Partes 4 e 5 são apenas as que tiveram autorização dos autores ou seus familiares. Além de alguma obra já de domínio público, incluiu-se também uma ou outra obra cujos autores esconderam-se em pseudônimos e não puderam ser identificados.”

VOTAÇÃO DO 29º ANGELO AGOSTINI

Worney Almeida de Souza



A votação do 29º ANGELO AGOSTINI já foi iniciada, mas nesse ano não teremos cédula de papel! Desde os primeiros eventos, fazíamos a cédula de papel, que era distribuída entre os quadrinhistas, escolas de desenho, lojas, gibiterias e estúdios. Com o advento da popularização da internet, a cédula passou a ser produzida para o mundo virtual. Assim, paulatinamente, os votos eletrônicos foram substituindo os votos em papel, até que no ano passado 95% dos votos vieram via internet. Notou-se que os que votavam em papel optavam pela via eletrônica e que a cédula de papel se tornou uma forma de divulgação do prêmio e perdeu sua função original. Isso também aconteceu com a cédula enviada pelo correio, no ano passado foi cerca de uma dezena.

Assim, esse ano ficamos só com a cédula eletrônica que, inclusive, tem um mecanismo de apuração instantâneo. Para votar, entre no blog da AQC (www.aqcsp.blogspot.com) e encontrará a cédula como primeiro assunto da página. Na próxima premiação teremos algumas novidades, inclusive o local do evento. No próximo “QI”, traremos mais novidades e o resultado da votação.

Participe e prestigie o Quadrinho Nacional!

100 VEZES AQC

Worney Almeida de Souza

Já reunimos 69 autores para o livro “100 Vezes AQC”. Pretendemos reunir as 100 páginas até o final do ano. A lista atual é a seguinte:

– 1. **Marcelo Saravá** (roteiro de Leonardo Santana); – 2. **Antonio Eder** (roteiro de Leonardo Santana); – 3. **Daniel Barraco** (roteiro de Leonardo Santana); – 4. **Jean Okada** (roteiro de Leonardo Santana); – 5. **Carlos Brandino** (roteiro de Leonardo Santana); – 6. **Floreal de Andrade**; – 7. **Edu Mendes**; – 8. **Aldo Maes dos Anjos**; – 9. **Bira Dantas**; – 10. **Marcos Venceslau**; – 11. **Xalberto**; – 12. **Eder Santos**; – 13. **William**; – 14. **Arthur Filho**; – 15. **Cleuber Cristiano**; – 16. **Edgard Guimarães**; – 17. **Nickel**; – 18. **Gilmar**; – 19. **Shimamoto**; – 20. **Paulo Alves**; – 21. **Sergio Morettini**; – 22. **Daniel Linhares**; – 23. **Rice Araújo**; – 24. **Diogo Salles**; – 25. **Juliano**; – 26. **Fernando Gonsales**; – 27. **Aurelio**; – 28. **Morgani**; – 29. **Henrique Magalhães**; – 30. **Wanderley Felipe**; – 31. **Rodrigo Costa**; – 32. **Mario Cau**; – 33. **Júlio Magalhães**; – 34. **Dennis Rodrigo Oliveira**; – 35. **Diamantino da Silva**; – 36. **Antônio Cedraz**; – 37. **Juliano Custódio**; – 38. **Dario**; – 39. **Vania Machado**; – 40. **Bernardo Aurélio**; – 41. **Décio Ramirez**; – 42. **Primaggio**; – 43. **Rogério Faria**; – 44. **Julius Kckvalheiyro**; – 45. **Amaro Braga**; – 46. **Fabio Guimarães**; – 47. **Renato Hack**; – 48. **Batata**; – 49. **Fabio Q**; – 50. **Rogério Brandão**; – 51. **Rafael Grasel**; – 52. **Mickken Gonçalves**; – 53. **Edenilson Fabrício da Silva**; – 54. **Walkir Fernandes**; – 55. **Elton Carlos Ribeiro de Almeida**; – 56. **Elton Takumi Kawamorita**; – 57. **Vinicius Rodrigues**; – 58. **Fabiana Menassi**; – 59. **Juliano Oliveira**; – 60. **Edmundo Rodrigues**; – 61. **Junior Alves Dutrelo**; – 62. **Jefferson Ferreira dos Santos**; – 63. **Diogo Dornelles**; – 64. **Ricardo Manhães**; – 65. **Gilton Fonseca**; – 66. **Salvador Messina**; – 67. **Everton Soares Cosme**; – 68. **Cival Einstein**; – 69. **Gazy Andraus**.

MANTENDO CONTATO



ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

TRÊS EDIÇÕES DIFERENTES E O MESMO DESTINO

O mercado de quadrinhos no Brasil é muito diversificado e inusitado. Muitos aventureiros ou esperançosos tentam lançar suas revistas nas bancas e na maioria das vezes se dão mal!

Temos três experiências diferentes que tinham motivações e objetivos diversos, mas que tiveram o mesmo resultado: não saíram dos primeiros números.

WAR MAN DE WATSON PORTELA

Em 1986, o ator Arlindo Barreto, famoso quando personalizou o palhaço Bozo, grande sucesso nos programas infantis no canal SBT, resolveu alçar voos solos. Assim criou o personagem War Man, um ser extraterrestre que vinha do planeta Eletrix para trazer uma mensagem de amor e alegria para as crianças de todo o planeta. Em associação com o grupo Pão de Açúcar, ele criou a WM produções artísticas, que projetava a apresentação do ator caracterizado como o personagem em shows e espetáculos, com a possibilidade de ir para a TV (talvez com um programa infantil), lançamentos de discos e outros produtos. War Man seria um garoto propaganda das lojas Jumbo Eletro (do grupo Pão de Açúcar). O próximo passo foi a criação de uma revista em quadrinhos. Arlindo contactou Primaggio Mantovi (quadrinhista que na época era editor e diretor de revistas infantis na editora Abril), que desenvolveu a concepção do personagem a partir da fantasia existente. Watson Portela (que na época desenhava He-Man e She-Ra) foi o responsável pelo visual do herói. A revista foi impressa na saudosa Editora Noblet.

War Man tem como companhia em sua viagem à Terra o engenheiro inventor Tutor, o navegador infantil Tchapa (que é um robô em forma de menino) e o robô Tchubi (que é a cópia do robô R2-D2 da série “Star Wars”). O herói tem que enfrentar um bando de inimigos liderados pela senhora Diabólica Tristeza, que é auxiliada por Malmor, Pesadelo, Ki-Medo e Homem-do-Saco. A HQ publicada foi ‘War Man e o Espírito do Natal’ (argumento de Arlindo Nogueira e Primaggio Mantovi, desenho e arte-final de Watson Portela, letras de Natan e cores de Edí), quando o personagem chega à

Terra e encontra um desolado Papai Noel, que recebe a ajuda do herói para entregar os presentes natalinos a tempo. A HQ é intermediada por passatempos interativos com os personagens. A revista faz a apresentação dos personagens e vem com um pôster com War Man e seus amigos. A revista foi lançada em dezembro de 1986 e distribuída gratuitamente nas lojas Jumbo Eletro, com uma grande tiragem.



Tudo pronto para alavancar o novo personagem infantil na mídia, mas durante o lançamento da revista, o ator teve graves problemas com a dependência de drogas ilícitas. As notícias a respeito cancelaram todo o projeto, inclusive a revista em quadrinhos. Não foram criadas outras HQs do personagem e, depois de um longo ostracismo, Arlindo Barreto, convertido para uma das seitas evangélicas existentes, retomou o personagem Bozo e tentou retomar sua carreira na TV, como redator. Ficou a lição de como um projeto de quadrinhos pode ser vinculado a outras mídias e pode dar certo, mas também pode naufragar quando uma das engrenagens da estrutura não funcionar!

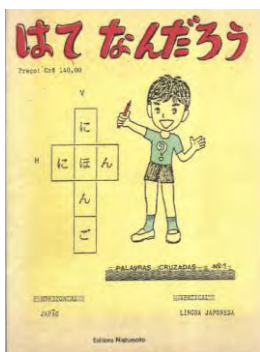
Mas pensando bem, como um personagem chamado War Man (homem da guerra!) pode “combater a maldade e todos os males...”, como um guerreiro do bem? Talvez a própria concepção do nome do personagem tenha incutido sua própria extinção!

“War Man” nº 0 (tamanho 13,5x20,5cm, quatro cores, papel off-set, 20 páginas, lombada canoa).

PASSATEMPOS JAPONESES

Em junho de 1990, saiu uma revista nas bancas que causou muita surpresa. Trata-se da “Revista de Palavras Cruzadas”, publicada pela editora Nishimoto em colaboração com o Centro de Estudos e Pesquisas Pedagógicas de Idioma Japonês da Zona Leste de São Paulo. A revista apresenta palavras cruzadas, caça-palavras, descubra ilustrações, ligue os sinônimos e completa a frase, todos os passatempos em japonês! As ilustrações são ao estilo do mangá e a revista apresenta ainda as soluções dos exercícios e um vocabulário. Até o título da revista está gravada em japonês! A editora era de Hironori Nishimoto (que deve ter sido o produtor e desenhista da revista) e estava localizada na Rua Professor José de Souza, 598, Parque Boturussu, São Paulo (SP). A revista tinha um personagem: um garoto magrinho que apresentava alguns passatempos e que aparecia na capa com uma sintomática camiseta com um grande ponto de interrogação desenhado! Saíram duas edições muito parecidas, tanto na capa como na disposição das páginas, só mudando a cor da capa (amarela para o nº 1 e rosa para o nº 2). O subtítulo da revista era ‘mini fascículo educativo Hate Nandarô’ e na contra-capa anunciava dentro de um balão: “aos leitores: aguardem o próximo número em breve!”.

As revistas são perfeitas para se ensinar o idioma japonês para crianças, se fossem publicadas por uma escola de idiomas, mas não para serem lançadas nas bancas de jornais de todo o país! Além de ser impressa num papel jornal bem fino, o tema não era para o público em geral, mas para um público específico. Assim a publicação não sobreviveu e deve ter proporcionado um grande encalhe. Um erro de estratégia editorial!



“Revista de Palavras Cruzadas” (tamanho 15x20cm, preto & branco, papel jornal, Cr\$ 140,00, 36 páginas, lombada canoa) nº 1 de junho de 1990 e nº 2 de agosto do mesmo ano.

RIQUINHO SOLITÁRIO

Os personagens da editora americana Harvey sempre tiveram uma grande aceitação no Brasil. Gasparzinho, Brasinha, Riquinho, Lelo, Luiza, Bolota, Brotoeja, Mindinho, Gansola e muitos outros personagens infantis são publicados, desde a década de 1960, em dezenas de títulos pelas editoras Cruzeiro, RGE, Vecchi e recentemente pela Pixel, sempre com muito sucesso. Riquinho é um dos mais simpáticos: um menino muito humilde e simples, que, apesar de absurdamente rico, filho de pais ultra-milionários, não é esnobe, como seu primo (também arqui-rico) Reginaldo. As HQs giram em torno dos excessos e das possibilidades ilimitadas de disposição de dinheiro que Riquinho tem às mãos e de como ele lida com isso. Riquinho virou até filme de Hollywood, em 1994, com o ator Macaulay Culkin.



Assim, toda a tradição do personagem seria um bom motivo para relançar a revista nas bancas. Foi o que pensou a LB3 Editora Ltda. quando publicou, em outubro de 2007, a revista “Riquinho”. Com oito HQs (uma delas da Bolota), a revista apresentava na segunda e na contra-capa os componentes da família Rico e uma edição um pouco descuidada, com pouco apuro na produção da revista e das HQs. A LB3 Editora estava localizada na Rua Joaquim Floriano, 243, 10º andar, São Paulo (SP) e a revista era distribuída pela Fernando Chinaglia. “Riquinho” não passou do primeiro número, certamente pela baixa tiragem. Uma aposta que não deu certo!

“Riquinho” nº 1 (tamanho 13,5x19cm, quatro cores, papel jornal, 52 páginas, lombada canoa, R\$ 2,90).

Memória do Fanzine Brasileiro

Depoimento do Editor

CLAUDIO RUBIN

Claudio Eduardo Rubin nasceu na Argentina em 1961. Atua profissionalmente como Psicanalista.

O trabalho empreendido na área dos fanzines dedicados ao estudo das Histórias em Quadrinhos foi na realidade uma continuação do meu trabalho realizado na Argentina entre 1985 e 1992, que incluiu 10 números de “Fandom”, publicação que incluía matérias, entrevistas e reprodução de HQs antigas ou raras. “Fandom” teve a característica de priorizar, desde o início, a apresentação de material no seu idioma/edição original, na medida das possibilidades, evitando assim as perdas estéticas proporcionadas por traduções pouco cuidadosas, rearranjo de títulos e cortes e arranjos de quadros e páginas. Junto com esta publicação, também editei vários números de “EM”, reedição de aventuras clássicas de personagens como The Shadow, Wonder Woman, Green Lantern, Captain Marvel e as paródias Mad dos anos 1950, e também um nº 0 de “Historietas” (dedicado ao estudo do gênero dos super-heróis especialmente os produzidos na Golden e Silver Age). Além disso, o trabalho se estendeu a exposições, palestras e cursos sobre Quadrinhos realizados no mesmo período.



Já radicado no Brasil desde o final de 1993, decidi continuar este fascinante trabalho nos fanzines. Sabia da existência de propostas similares aqui no país devido a um contato com o Gibi Clube (Rio de Janeiro) feito lá pelo ano 1984. Mas foi através do excelente informativo “IQI” (hoje “QI”) de Edgard Guimarães – que conheci por acaso na Gibiteca de João Pessoa em início de 1995 – que percebi a real dimensão do trabalho na área. A partir daí, tendo encontrado um veículo ideal para difundir as minhas propostas, pensei no que poderia ser interessante e ao mesmo tempo diferente, resultado do qual surgiu o primeiro número da “Série Reprints” (novembro de 1995), que apresentava algumas HQs de The Vision, o pequeno clássico da Marvel dos anos 1940, numa versão em espanhol. A “Série Reprints” – que iniciou uma série de coleções sob o nome geral Edições Golden Age – retomava por sua vez a ideia da “portenha” “EM”, mas que num detalhe se assemelhava à “Coleção Velha Guarda” do Valdir Dâmaso: a fita preta que servia de lombada, abandonada algum tempo mais tarde. Companhia dessa série foi “All-American Comics” (2 números), onde foi apresentada a Justice Society of America dos anos

1940, nas suas primeiras duas aventuras. Já em março de 1997 – quando a “Série Reprints” contava com 5 números publicados (com uma quantidade de páginas que variava de 42 a 116) – iniciei a publicação de “Comic City”, que retomava o formato de “Fandom” (matérias + HQs completas), com 90 páginas (40 a 50 a partir do nº 9 e capa colorida a partir do nº 5), e uma seleção de séries de diversas épocas e gêneros acompanhadas por um estudo introdutório que localizava o leitor sobre o material em questão. Da Golden à Silver Age, séries inéditas no Brasil, Paródias Mad dos anos 1950, a EC de Bill Gaines, séries europeias, canadenses, argentinas, espanholas, inglesas, francesas e até suecas, biografias e portfólios, tudo coube em “Comic City”, e até alguns clássicos mais conhecidos, geralmente abordados com requinte e bom humor por quem foi o colaborador mais participativo da publicação: Ronaldo Corrêa Haenel. Posteriormente, consolidado o formato de “Comic City”, decidi iniciar uma coleção paralela, o “Comic City Especial” dedicado a séries ou artistas que mereciam, pela importância do seu trabalho, uma publicação própria. Foi assim que Dick Tracy, a Fawcett Publications e Plastic Man tiveram seus especiais.

Junto com estas propostas, surgiram outras ao longo destes anos: “Wow!” (1 número), publicação do estilo de “Comic City”, mas que, pela maior quantidade de páginas, teve a possibilidade de apresentar sagas e HQs mais longas; a série “Classicomics”, que trouxe no seu único número “Os Super Heróis de Jack Kirby”, uma resenha profusamente ilustrada do “King” dos comics desde os anos 1930 até sua morte em 1994; “All Star Western”, volume único de 94 páginas dedicado aos heróis do faroeste da DC Comics, produzidos entre os anos 1940-50; “Strange Adventures”, três volumes de HQs de ficção científica da DC Comics dos anos 1940-60; “A Arte de Wally Wood”, um verdadeiro “blockbuster” de 300 páginas que historiava a carreira do genial “Woody”, abrangendo todos os gêneros e editoras nas quais o artista trabalhou. Acompanhou este especial um outro, “Outer Space”, as últimas aventuras de The Spirit desenhadas por Wally Wood em 1952.

Outras duas coleções se somaram no ano 2000: “Oldies Funnies”, dedicada a resgatar antigas séries de humor (os dois números trouxeram “Adamson” e “Vater und Sohn”) e “Lost Years”, coleção destinada às séries de comics que tiveram nexo com o universo dos “pulp”. O personagem escolhido foi The Shadow.

A mais nova proposta das Edições Golden Age foi “Comiecteca”, boletim mensal de 4 páginas dedicado a resgatar personagens esquecidos, curiosidades e lançamentos que tenham alguma ligação com heróis da Golden e Silver Age, iniciado em agosto de 2001.

Desde o início, as publicações são impressas em xerox de primeira qualidade, em folhas tamanho A4, sulfite 75g/m² – a partir de 1999, o material é digitalizado e editado eletronicamente –, salvo o “Comiecteca” que é impresso em folha A3 120g/m² em duplicadora eletrônica.

Um inconveniente inicial que teve Edições Golden Age foi certa resistência – depois superada pela maioria dos leitores assíduos – de adquirir uma publicação que tivesse algumas de suas HQs não traduzidas em português, especialmente por parte dos mais veteranos fanzineiros da denominada “velha guarda”.

Ainda na época do “Fandom” entendi que minhas publicações não se enquadravam no gênero “nostalgia”, devido a que não foram realizadas com o intuito de relembrar os velhos tempos, senão de poder atualizar o valor e transcendência de obras que independem do tempo para sua apreciação. A questão da “nostalgia” foi parte de um debate bem interessante no ‘Correio de Leitores’ do “Comic City” por algum tempo.

Dos fanzines que influenciaram de maneira indireta o estilo de minhas publicações, especialmente o “Comic City”, poderia citar como possíveis fontes de inspiração o “Amazing World of DC Comics”, fanzine oficial da DC Comics nos anos 1970, e “The Golden Age of Comics”, publicado nos anos 1980, onde colaboravam profundos conhecedores da Época Dourada, como Cat Ironwyde, Don e Maggie Thompson e Raymond Miller. Mas como dizia Frank Zappa: “eu faço os discos que gostaria de comprar”. Devido talvez a este fato, é interessante que a faixa etária que procura as Edições Golden Age – fazendo uma média – se conta entre leitores de 25 a 60 anos, o que, no caso dos mais jovens, é reconfortante devido à possibilidade concreta de oferecer valiosas séries antigas para um público menos acostumado com dito material.

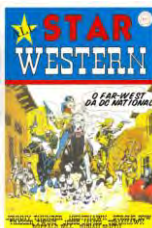
INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Fanzines editados por Claudio Rubin, a grande maioria impressa em xerografia no formato A4, com capa colorida.

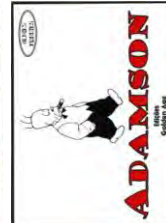
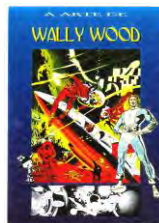
- “Série Reprints” (42 a 126 pág.): 1 (nov/1995) a 32 (ago/2003). Capa colorida a partir do nº 7.
- “All-American Comics” (64 e 70 pág.): 1 e 2 (abr/1996).
- “Comic City” (36 a 162 pág.): 1 (mar/1997) a 47 (nov/2003). Capa colorida a partir do nº 5.



- “Almanaque Comic City 1998” (164 pág.).
- “Comic City Especial” (66 a 112 pág.). Três números entre jul/1998 e jan/2000.
- “Wow!” (100 pág.). Número único.



- “Classicomics” (64 pág.): Número único. Guia ilustrado sobre os Super Heróis de Jack Kirby, teve reedição em out/2002.
- “Strange Adventures” (90 a 112 pág.): 1 a 3 (set/1999).
- “All Star Western” (94 pág.). Número único em jan/2000.
- “A Arte de Wally Wood” (300 pág.). Especial em ago/2000.
- “Outer Space” (56 pág.). Especial em ago/2000.
- “Oldies Funnies” (54 e 104 pág.). Dois números em out/2000.



- “Lost Years” (108 pág.). Número único em out/2000.
- “Comiecteca” (4 pág.): 1 (ago/2001) a 20 (nov/2003).
- “Comic City Profile” (6 pág.): 1 (jan/2002).
- “Almanaques” (84 pág.). Quatro números entre jun/2000 e ago/2000, dedicados às editoras Fawcett, Marvel Comics, Detective Comics e à Silver Age.
- “Crise na Terra 1 e Terra 2” (64 pág.). 2003.



Edições feitas em forma de CD.

- “Jack Cole – O Plástico Alucinante”.
- “Wonderful Wolverton’s World”.
- “Histórias da Legião dos Super-Heróis” vol. 0.



Edições publicadas na Argentina, em formato carta ou A4.

- “Fandom” (32 e 34 pág.): 1 (1985) a 10 (1992).
- “Historietas” (18 pág.): 0 (abr/1986).
- “El Origen de los Superheroes” (48 pág.). Livro teórico no formato 210x240mm publicado em julho de 1990.



A partir de 1996, Claudio Rubin deu cursos e organizou exposições na Fundação Cultural de Curitiba, além de manter uma coluna semanal sobre HQs no jornal “Gazeta do Povo”, de Curitiba.

EDIÇÕES INDEPENDENTES

Contos & descontos




Contos & descontos

Etienne Lécroart
44p. 16,5X24,5cm. R\$12,00.

Histórias em quadrinhos experimentais
www.marcaedefantasia.com

ICFIRE 94



ICFIRE - 94

NESTA EDIÇÃO. MAIS UM ANIVERSÁRIO DA CRIAÇÃO DE ICFIRE. HQ SURPRE- ENDEDENTE. PATRICIA GRÁVIDA. POR CHAGAS LIMA. CARTAS E E-MAILS. 28 PÁG. A5. CAPA COR. R\$ 4. OU SE- LOS. OU TROCA. OUT/2012. CHAGAS LIMA. R. MIRIAN COELI, 1737. LAGOA NOVA. 59054-440. NATAL/RN.

QUADRINHOS

AGORINHA * suplemento do jornal "Agora" * nº 275 * out/2012 * 8 pág. * 290x380mm * color. * **Lorde Lobo** - R. Aquidaban, 695 - Rio Grande - RS - 96200-480.

AJURUJUBA * A fundação da cidade de São Luís * 2012 * 112 pág. * carta * capa color. * R\$ 40,00 * **Iramir Alves Araújo** - R. Cel. Chaves, 134, sala 101 - São Francisco - São Luís - MA - 65076-410 - iramiraraujo@ig.com.br

ÁLBUM TARZAN * nº 7 * 2012 * 108 pág. * 180x270mm * capa color. * R\$ 70,00 * **Sérgio Luiz Franque** - R. César Brigato, 295 - Ribeirão Preto - SP - 14090-540.

ÁLBUM TARZAN * nº 8 * 2012 * 108 pág. * 180x270mm * capa color. * R\$ 70,00 * **Sérgio Luiz Franque** - R. César Brigato, 295 - Ribeirão Preto - SP - 14090-540.

ÁLBUM TARZAN * nº 9 * 2012 * 108 pág. * 180x270mm * capa color. * R\$ 70,00 * **Sérgio Luiz Franque** - R. César Brigato, 295 - Ribeirão Preto - SP - 14090-540.

ANÚBIS WARRIOR * nº 1 * out/2012 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 6,00 * **Fábio Chibilski** - R. Rio Grande do Sul, 949 - Vila Liane Orfan - Ponta Grossa - PR - 84015-020.

ARLEQUIM * nº 21 * out/2012 * 28 pág. * A5 * **Roberto Hollanda** - R. Sousa Aguiar, 322, casa 5 - Rio de Janeiro - RJ - 20720-035.

ARLEQUIM * fase 2 especial * mar/2011 * 12 pág. * A5 * gratuito * **Roberto Hollanda** - R. Sousa Aguiar, 322, casa 5 - Rio de Janeiro - RJ - 20720-035.

BILLY THE KID * nº 17 * nov/2012 * 44 pág. * A5 * capa color. * R\$ 7,00 * **Arthur Filho** - R. Espírito Santo, 232/02 - Porto Alegre - RS - 90010-370.

O BOM & VELHO FAROESTE * nº 5 * nov/2012 * 48 pág. * A5 * capa color. * R\$ 7,00 * **José Salles** - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

CAMPANA * nº 5 * dez/2011 * 56 pág. * A5 * capa color. * **Sandro Marcelo** - R. Juarez Távora, 228 - Capibaribe - São Lourenço da Mata - PE - 54705-060.

CARTILHA CARTUM Atitude Ecológica * 2012 * 16 pág. * A5 * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

CARTUM * nº 73 * set/2012 * 28 pág. * A5 * color. * R\$ 50,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

CARTUM * nº 74 * out/2012 * 28 pág. * A5 * color. * R\$ 50,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

CHAOTIX * nº 11 * ago/2012 * 16 pág. * A5 * R\$ 3,00 * **Cristiano Ferreira da Silva** - Av. Afonso de Taunay, 705 - Barra da Tijuca - Rio de Janeiro - RJ - 22621-310.

COLEÇÃO HOPALONG CASSIDY * nº 2 * ago/2012 * 20 pág. * ofício 2 * **José Magnago** - R. Jerônimo Ribeiro, 117 - B. Amarelo - Cachoeiro de Itapemirim - ES - 29304-450.

COLEÇÃO JERÔNIMO * nº 4 * set/2012 * 12 pág. * 1/2 ofício 2 * **José Magnago** - R. Jerônimo Ribeiro, 117 - B. Amarelo - Cachoeiro de Itapemirim - ES - 29304-450.

COLEÇÃO JIM DAS SELVAS * nº 4 * dez/2012 * 28 pág. * ofício 2 * **José Magnago** - R. Jerônimo Ribeiro, 117 - B. Amarelo - Cachoeiro de Itapemirim - ES - 29304-450.

CONTOS & DESCONTOS * 2012 * 48 pág. * 165x245mm * capa color. * R\$ 12,00 * **Henrique Magalhães** - Av. Maria Elizabeth, 87/407 - João Pessoa - PB - 58045-180.

CRÂNIO * CD com edições 1 a 20 * nov/2012 * R\$ 8,00 * **Francinildo Sena** - R. Des. Hemetério Fernandes, 231 - Pau dos Ferros - RN - 59900-000.

DEVORADORES DE GIBIS * nº 19 * ago/2012 * 18 pág. * A4 * **José Magnago** - R. Jerônimo Ribeiro, 117 - B. Amarelo - Cachoeiro de Itapemirim - ES - 29304-450.

EXPRESSO CAFÉ ESPACIAL * nº 5 * ago/2012 * 8 pág. * 245x345mm * gratuito * **Sérgio Chaves** - Av. Carlos Gomes, 553, sala 93 - Marília - 17500-030.

FRANK DUTRA * nº 17 * nov/2012 * 8 pág. * A5 * **Frank Dutra** - Av. Senador Lúcio Bittencourt, 936 - Sapucaia do Sul - RS - 93214-530.

ICFIRE * nº 94 * out/2012 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 6,00 * **Chagas Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal - RN - 59054-440.

JORNAL GRAPHIQ * nº 68 * set/2012 * 16 pág. * 280x320mm * capa color. * R\$ 4,00 * **Mário Latino** - C.P. 213 - Suzano - SP - 08675-970.

JORNAL GRAPHIQ * nº 69 * out/2012 * 16 pág. * 280x320mm * capa color. * R\$ 4,00 * **Mário Latino** – C.P. 213 – Suzano – SP – 08675-970.

JORNAL GRAPHIQ * nº 70 * nov/2012 * 16 pág. * 280x320mm * capa color. * R\$ 4,00 * **Mário Latino** – C.P. 213 – Suzano – SP – 08675-970.

KHNEIRA * nº 10 * nov/2012 * 8 pág. * A6 * **Marcelo D. Amorim** – R. Anapurus, 32, cs.01 – São Gabriel – Belo Horizonte – MG – 31980-210.

LIPE * *coletânea de tiras* * nº 1 * 2012 * 32 pág. * 210x100mm * color. * R\$ 6,00 * **Lorde Lobo** – R. Aquidaban, 695 – Rio Grande – RS – 96200-480.

MOCINHOS & BANDIDOS * nº 104 * dez/2012 * 44 pág. * A4 * capa color. * R\$ 45,00 (ass. 4 n°s) * **Diamantino da Silva** - R. Prof. José Horacio M. Teixeira, 538, B.4, ap.54 - São Paulo - SP - 05640-903.

MUNDO HQB * *CD com edições 1 a 10* * nov/2012 * R\$ 8,00 * **Francinildo Sena** – R. Des. Hemetério Fernandes, 231 – Pau dos Ferros – RN – 59900-000.

MUNDO LOUCO * nº 1 * nov/2012 * 8 pág. * A5 * **José João de Arruda Filho** – R. Caranguejo, 249 – Eldorado – Diadema – SP – 09970-100.

OMI * nº 90 * set/2012 * 20 pág. * A5 * **Gerd Bonau** – Berliner Strabe 9 – Rendsburg – 24768 – Alemanha.

ORIOK * nº 3 * jun/2012 * 24 pág. * A5 * capa color. * R\$ 4,00 * **Chagas Lima** – R. Miriam Coeli, 1737 – Lagoa Nova – Natal – RN – 59054-440.

PICLES – Piadas do Fim do Mundo * nº 2 * out/2012 * 52 pág. * 170x240mm * capa color. * R\$ 12,00 * **Editora Laços** – www.comix.com.br.

O PODEROSO MAXIMUS * nº 2 * mai/2012 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,50 * **Alan Yango** – Conj. Satélite, WE 09, nº 746 – Coqueiro – Belém – PA – 66670-230.

40 ANOS DE VELTA * *Velta contra Drácula* * jan/2013 * 68 pág. * 160x230mm * capa color. * **Emir Ribeiro** – C.P. 3535 – João Pessoa – 58037-970.

QUARTA PÁGINA * nº 1 * 2012 * 8 pág. * A5 * troca * **Anderson Camilo** – R. Três, 135, próx. escadaria – B. Nova Esperança – Ipatinga – MG – 35162-750.

SUBTERRÂNEO * nº 49 * set/2012 * A6 – folha A4 dobrada * **Marcos Venceslau** – Av. Assaré, 20 – V. Sabará – São Paulo – SP – 04446-060 – subterraneo.zine@gmail.com

SUPERPERSONAGENS * nº 3 * 2012 * 20 pág. * A5 * R\$ 3,00 * **Anderson Camilo e Cláudio Alves** – R. Três, 135, próx. escadaria – B. Nova Esperança – Ipatinga – MG – 35162-750.

TIRAS VS. MONSTROS * nº 2 * out/2012 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

TRÉPLICA * nº 7 * 2011 * 12 pág. * A5 * R\$ 2,00 * **Denilson Reis** – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

VULTO & TORMENTA * 2012 * 48 pág. * A5 * capa color. * R\$ 7,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

BOCA DO INFERNO * nº 1 * out/2012 * 4 pág. * A5 * **Renato Rosatti** – Av. dos Lagos, 382 – Veleiros – São Paulo – SP – 04774-000.

JUVENATRIX * nº 141 * nov/2012 * 20 pág. * arquivo pdf via e-mail * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

JUVENATRIX * nº 142 * dez/2012 * 18 pág. * arquivo pdf via e-mail * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

OUTROS ASSUNTOS

BLUESERIA * nº 6 * dez/2011 * 20 pág. * A5 * R\$ 3,00 + 2 selos 1° p. * **Denilson Reis** – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

O CAPITAL * nº 219 * set/2012 * 16 pág. * A4 * **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

O CAPITAL * nº 220 * out/2012 * 16 pág. * A4 * **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

FATHERZINE * nº 14 * nov/2012 * 52 pág. * A4 * **Valdir Ramos** – C.P. 44 – Araraquara – SP – 14801-970.

MEGAROCK * nº 58 * nov/2011 * 14 pág. * A4 * **Fernando Cardoso** – C.P. 3535-1 – Diadema – SP – 09950-971.

MEGAROCK * nº 59 * ago/2011 * 14 pág. * A4 * **Fernando Cardoso** – C.P. 3535-1 – Diadema – SP – 09950-971.

LITERATURA, POESIA e MÚSICA

O BOÊMIO * nºs 277 e 278 * **Eduardo Waack** – R. Francisco José Ribeiro, 195 – Matão – SP – 15990-776.

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE BRASÍLIA * nº 74 – C.P. 500 – Ag. W3 – 508 Sul – Brasília – DF – 70359-970.

BOLETIM DA ANFB * nº 44/2012 – C.P. 500 – Ag. W3 – 508 Sul – Brasília – DF – 70359-970.

COTIPORÁ CULTURAL * nº 43 * **Adão Wons** – R. Marcílio Dias, 253 – Térreo – Cotiporã – RS – 95335-000.

O GARIMPO * nºs 87, 88 e 89 * **Cosme Custódio da Silva** – R. dos Bandeirantes, 841/301 – Matatu – Salvador – BA – 40260-001.

L'ATMOSFERE * nº 7 * **Denilson Reis** – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

LITERARTE * nºs 331 e 332 * **Arlindo Nóbrega** – R. Rego Barros, 316 – São Paulo – SP – 03460-000.

VIDA E PAZ * nº 156 * **Mauro Sousa** – C.P. 2030 – Santos – SP – 11060-970.

A VOZ * nº 127 * Av. Dr. José Rufino, 3625 – Tejipti – Recife – PE – 50930-000.

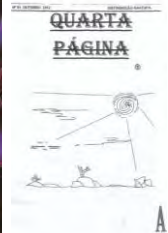
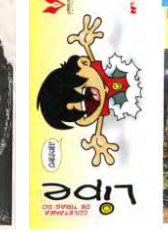
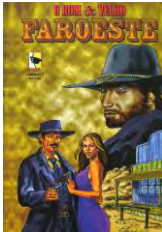
RECADOS

Alerte Golzenleuchter procura, para completar sua coleção da Editora Bloch, as revistas “Satanik” nº 4 e “Kriminal” nºs 2 e 3 – alaertegolzen@yahoo.com.br.

Luiz Carlos Miranda é colecionador de postais, selos usados, cédulas, calendários (bichos e gente), CDs, DVDs e busca intercâmbio com outros colecionadores. – C.P. 003 – Salvador – BA – 40015-970.

GALERIA DE CAPAS





PUBLICAÇÕES ALEMÃS

Edgard Guimarães

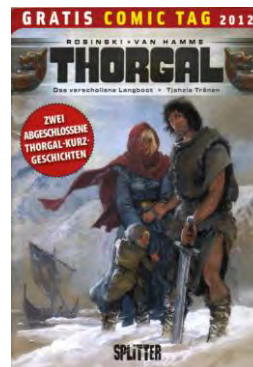
Luciano Freiberger enviou mais um belo lote se publicações alemãs. A primeira coisa que sempre salta aos olhos é a altíssima qualidade gráfica e editorial. O conteúdo é bastante variado. Há o material mais alternativo, sempre feito com muito capricho, sem perder a independência conceitual e temática. E o material mais comercial, que não tem nada de clichê.

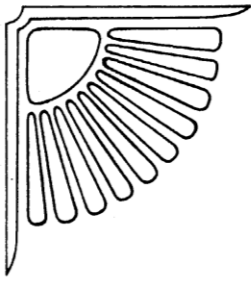
Das edições independentes, dois destaques. Primeiro um álbum de luxo todo colorido com 90 páginas coletando apenas estórias de Tours. A outra edição, o n° 47 do título “Moga Mobo”, tem um grande furo bem no meio da edição, passando por todas as páginas e todas as HQs internas têm que integrar esse furo à história.



Do material mais comercial, o destaque continua sendo a iniciativa de produzir revistas grátis contendo histórias completas de alguma série de álbuns. Dessa vez, as amostras foram de “Thorgal” e “Der Vampir von Benares”, duas séries da melhor qualidade. Da segunda série, a editora tem disponíveis os três primeiros volumes. Da primeira, a editora tem os 33 álbuns mais 3 spin-offs. Thorgal é uma série que teve os 4 primeiros álbuns publicados no Brasil pela editora VHD. Meio hesitante no começo, com o desenrolar da saga, foi adquirindo personalidade própria e se tornando cada vez melhor. A carreira de Thorgal em Portugal foi um pouco mais feliz, mas infelizmente não teve todos os álbuns publicados. Vários foram pulados, o que prejudica muito a leitura, pois é uma saga, ora pois, tem que ter sequência. Uma olhada no Amazon mostrou que os americanos não tiveram melhor sorte, a coleção publicada lá também pulou muitos álbuns e os publicados o foram fora de ordem.

Leitor soure em todo canto. Exceto, talvez, na Alemanha.





CORAL DOS MENINOS CANTORES
CORAL INFANTO-JUVENIL FEMININO
CORAL JUVENIL MISTO
CORAL "VOZES DE EUTERPE"
BRASÓPOLIS - MG

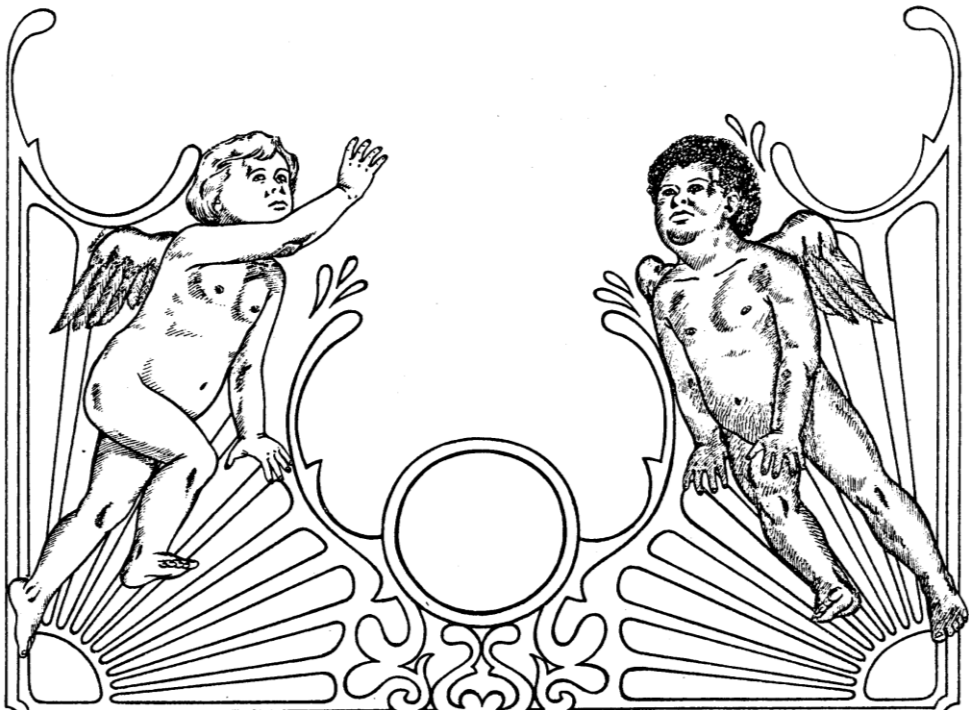
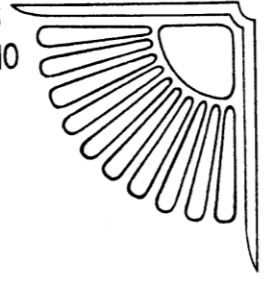


Ilustração feita para a capa das partituras usadas pelos membros dos vários Corais de Brasópolis.

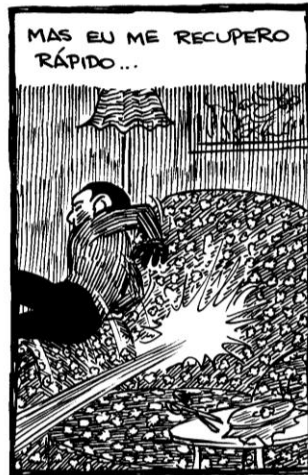
VOCÊS PODEM ME MATAR,
MAS MINHAS IDÉIAS NUNCA MORRERÃO!
ESTARÃO SEMPRE PRESENTES
NO ESPÍRITO DOS HOMENS
DE BEM E CORAGEM!...

P r e - H i s t o r i a

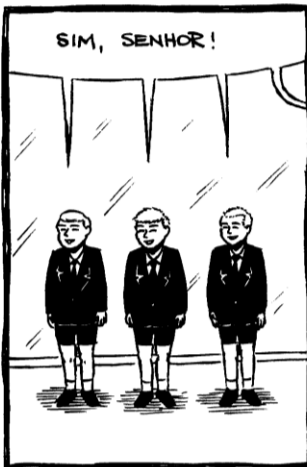
Edgard J.F. Guimarães



Do Fundo do Baú.









E deseja aos **Q!**
leitores do

um Natal
feliz e um

Próspero
Ano Novo!

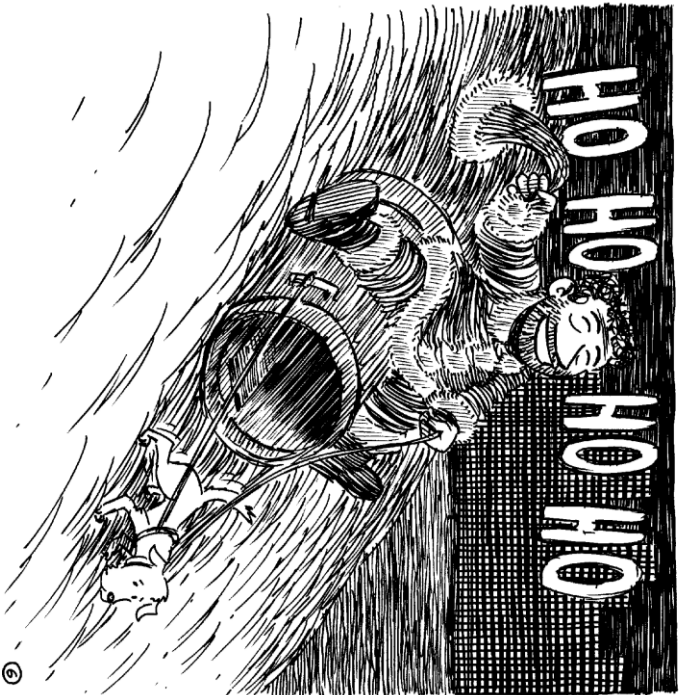
EDGARDO COIMBRA

apresenta

UM
COMO
DE
NATAL

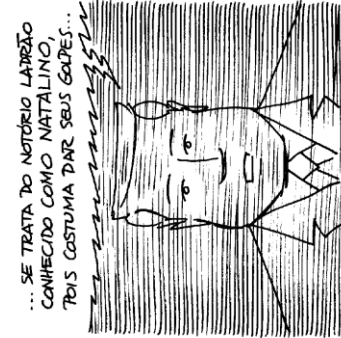
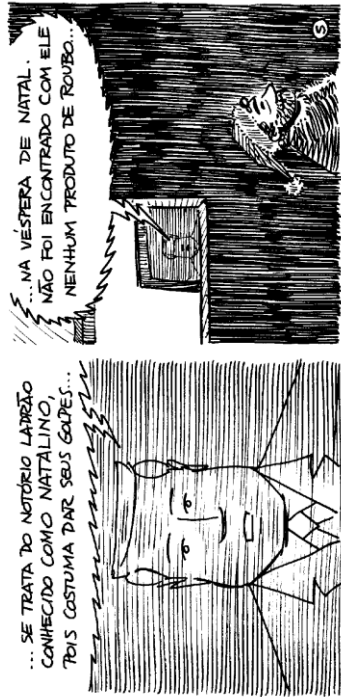
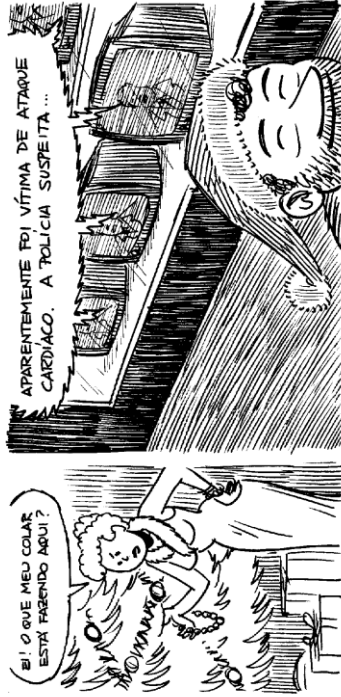
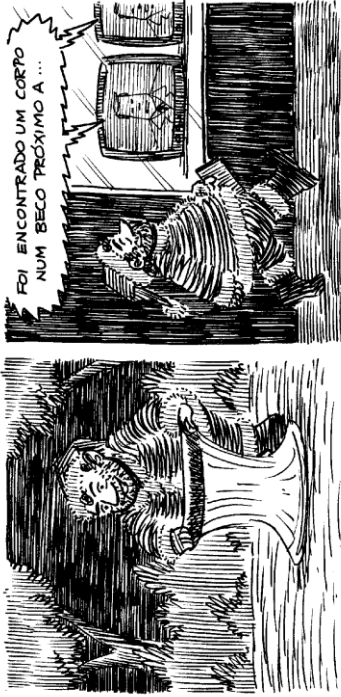
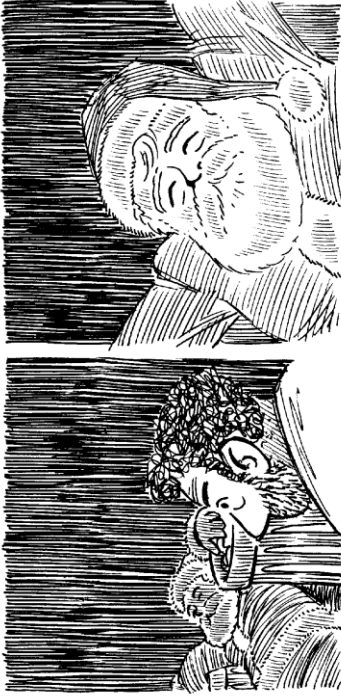


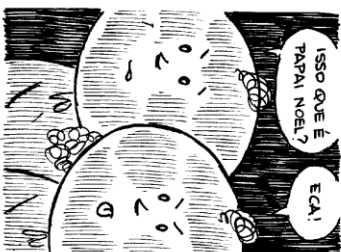
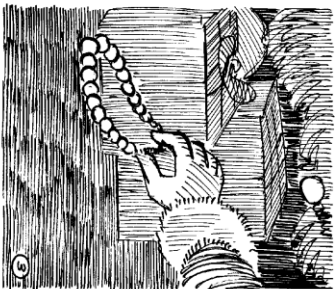
ERAPD GIMARAT 2006



1

6





cotidiano alterado



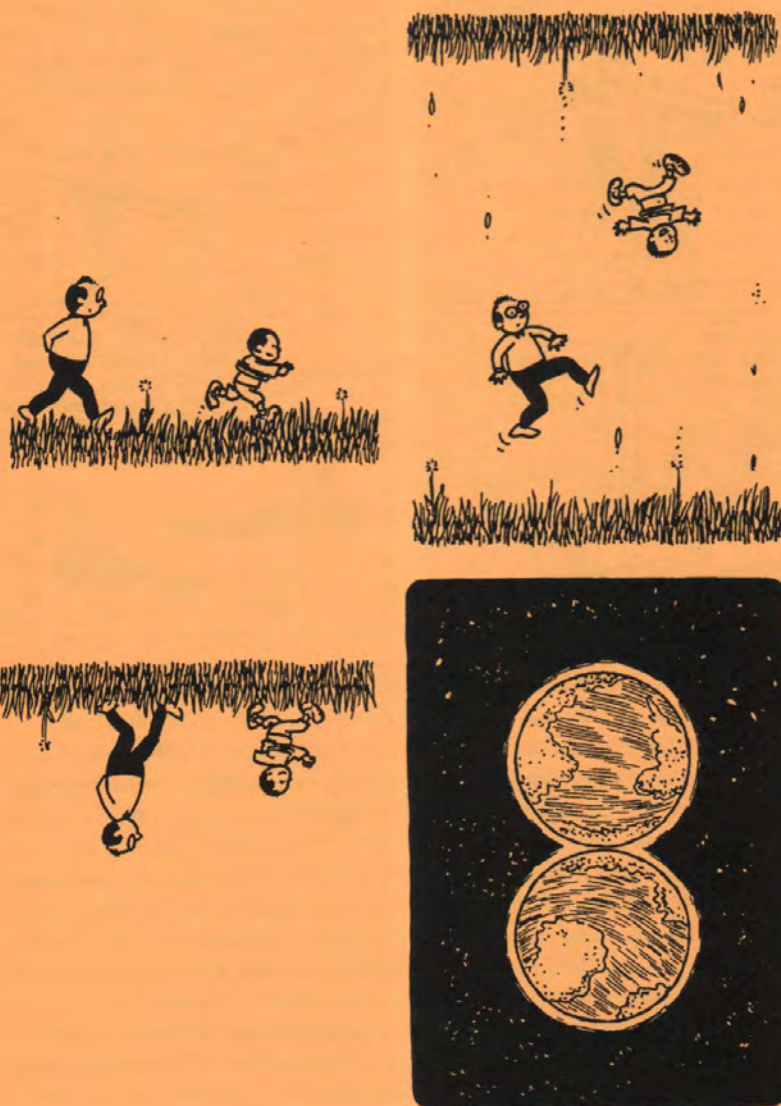
edgard guimarães – março de 2012

outros cotidianos alterados



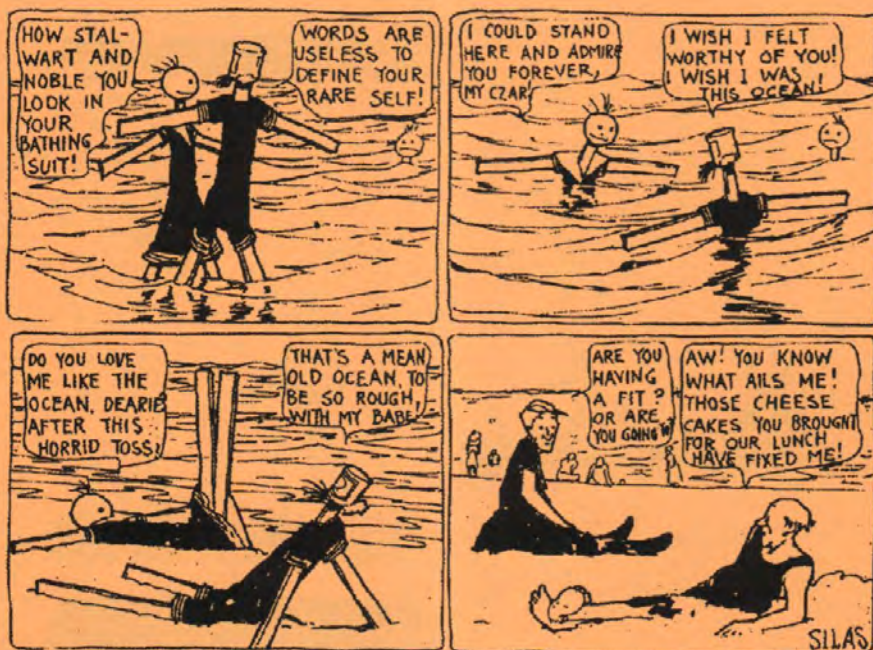
THE WOZZLEBEASTS – John Prentiss Benson era um arquiteto já estabelecido quando, em junho de 1904, começou a publicar a série 'The Wozzlebeasts'. Benson sempre desejou trabalhar com arte, como seu irmão mais velho Frank, e produzia desenhos e ilustrações para entreter seus filhos. Dessas experimentações, surgiu 'Wozzlebeasts', que teve curta duração, acabando em janeiro de 1905. Apesar da pouca popularidade enquanto publicada em jornais, teve uma compilação em forma de livro infantil em 1905 e inspirou outras séries com características semelhantes, como 'Laughable Looloos' de Helen Stilwell e 'The Terrors of the Tiny Tads' de Gustave Verbeek. A série de Benson não era uma história em quadrinhos em sua forma tradicional. Cada página dominical era composta de 6 quadros independentes, cada um exibindo uma criatura fantástica acompanhada de uma estrofe de 4 versos, de natureza humorística, conhecida como "limerick". Benson, aparentemente, encerrou sua série com pesar, o que demonstrou em seus últimos versos, pedindo aos leitores que fosse "lembrado em seus sonhos". Não produziu nenhuma outra série de quadrinhos, continuando suas atividades de arquiteto, até que, aos 56 anos, seu irmão Frank lhe escreveu mandando que fosse pintar, se era o que queria. Benson abandonou a arquitetura e se tornou um pintor reconhecido com uma produção de mais de 500 obras.

cotidiano alterado



edgard guimarães – março de 2012

outros cotidianos alterados



DREAM OF THE RAREBIT FIEND – O número de obras-primas perpetradas por Winsor McCay não é pequeno. A mais conhecida, sem dúvida, é 'Little Nemo in Slumberland', em que o pequeno Nemo sonhava durante uma página inteira, acordando no último quadrinho. Essa fórmula, no entanto, McCay já havia começado a experimentar um ano antes, numa versão mais adulta, com 'Dream of the Rarebit Fiend', iniciada em setembro de 1904 e encerrada em 1913. A série não tinha um protagonista fixo, a não ser o "rarebit fiend", a "torrada com queijo maligna", causador dos pesadelos. Cada página era finalizada com o personagem acordando assustado com os desvarios oníricos sofridos durante a noite e maldizendo a gulodice de véspera. A maior parte da série foi produzida simultaneamente com 'Little Nemo', mas para jornais diferentes, o que obrigou McCay a assinar o nome Silas em 'Rarebit Fiend'. Algumas páginas desta série foram publicadas no Brasil, em 1975, no terceiro volume de "Almanaque do Gibi Nostalgia", com o título 'Sonhos de um Comilão'.